



Dr. Plinio

Publicação Mensal Vol. XXVII - Nº 321 Dezembro de 2024



*Inextinguível luz
acesa por Maria*



Non est inventus similis illi

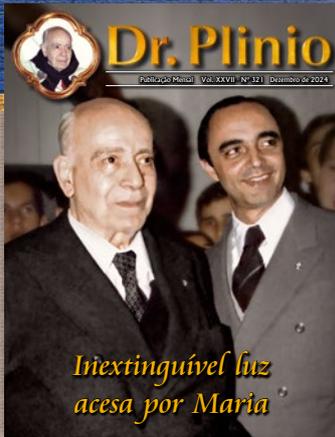
Os senhores agradecem o fundador que têm. Bem junto a esse fundador os senhores têm nosso incomparável João. Para usar uma frase latina, *non est inventus similis illi*, não se encontrou quem fosse como ele. Assim é o meu caríssimo João Clá.

A palavra “caríssimo”, como tantas outras do vocabulário contemporâneo, está gasta; tudo está gasto na civilização contemporânea. E quando temos algo a dizer que não está gasto, somos obrigados a recorrer à linguagem do passado. Então recorro a uma expressão latina: *per ad modum*. Segundo meu remoto curso de latim, “querer *per ad modum* bem” seria de um modo tal que não é possível dizer quanto. É nesses termos e nesse espírito que me refiro ao meu querido João.

(Extraído de conferências de 4/2/1995 e 22/4/1995)

Sumário

Vol. XXVII - Nº 321 Dezembro de 2024



Na capa,
Dr. Plinio com
Sr. João Clá, em
setembro de 1982.

Foto: Arquivo Revista

As matérias extraídas
de exposições verbais de Dr. Plinio
— designadas por “conferências” —
são adaptadas para a linguagem
escrita, sem revisão do autor

Dr. Plinio

Revista mensal de cultura católica, de
propriedade da **Editora Retornarei Ltda.**

ISSN - 2595-1599

CNPJ - 02.389.379/0001-07

INSC. - 115.227.674.110

Diretor:

Roberto Kasuo Takayanagi

Conselho Consultivo:

Jorge Eduardo G. Koury

Roberto Kasuo Takayanagi

Redação e Administração:

Rua Virgílio Rodrigues, 66 - Tremembé

02372-020 São Paulo - SP

E-mail: editoraretornarei@gmail.com

Impressão e acabamento:

Pigma Gráfica e Editora Ltda.

Av. Henry Ford, 2320

São Paulo - SP, CEP: 03109-001

Preços da assinatura anual

Comum.....	R\$ 300,00
Colaborador.....	R\$ 400,00
Benfeitor.....	R\$ 500,00
Grande benfeitor.....	R\$ 800,00
Exemplar avulso.....	R\$ 25,00

Serviço de Atendimento ao Assinante

editoraretornarei@gmail.com

<https://www.editoraretornarei.com.br>

SEGUNDA PÁGINA

2 *Non est inventus similis illi*



MONS. JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS

4 *Introdução*



6 *I - Do isolamento a um providencial encontro*



15 *II - Bela caminhada*



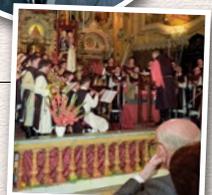
26 *III - Um dos frutos mais importantes do desastre*



34 *IV - Aderente fervoroso e intérprete de Dr. Plinio*



44 *ÚLTIMA PÁGINA*
Fragrância luciliana no Natal





INTRODUÇÃO

Cabe-me dizer uma palavra a respeito de um filho da Santa Igreja, filho meu também. Como fazê-lo?

No que se refere à Santa Igreja Católica Apostólica Romana, enalteço-a com desembaraço, prodigalizando-lhe louvores como uma fonte entrega suas águas.

Elogio pessoal, eu soube fazer a alguém... com uma fluência e truculência tão grandes que, literalmente, eu massacrava mamãe de carinhos. Em uma forma cheia de respeito – é claro! –, mas muito caseira, doméstica, personalizada. Depois disso meus lábios pouco se abriram para elogiar, a não ser aquilo que fosse conexo com a Santa Igreja.

Assim, no fundo e no centro de todos os elogios: a Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Ora, como enunciar um elogio de varão a varão, indicando um beneplácito completo, sem as efusões a que a delicadeza feminina convida – em se tratando de uma mãe – e sem aquelas manifestações que a grandeza da Igreja impõe e desata inteiramente na alma? Faço uso de uma metáfora.

Imaginem um sinaleiro de farol. Em determinado ponto de seu horizonte visual o mar costuma se encapelar, e o sinaleiro deve percorrer continuamente com a luz essa zona de risco. Ele passa anos projetando-a ali e ajudando a que façam a travessia perigosa todos aqueles que queiram dar importância à sua luz e olhar para ela. Esses



têm o destino dos prudentes; outros terão o destino dos imprudentes.

Essa luz, entretanto, apesar de manobrada com firmeza, agilidade e normalidade pelas mãos do sinaleiro, começa a não bastar, porque a tempestade se alarga. E a zona encapelada é tão vasta que o sinal não pode assestar para novas vastidões revoltas sem deixar de iluminar a vastidão primeira.

Nessa soma aflitiva de vastidões, o que faz o sinaleiro que não quer de nenhum modo abandonar o lugar ao qual tanto ele se dedicou, mas que sente a necessidade de passar sua luz sobre outras superfícies? Ele reza, mas não vê solução.

Uma bela noite, ao deparar-se com o problema, ele manobra o farol para aqui, lá e acolá, até que, em certo momento, conclui: “Não há remédio! Vou desguarnecer a frente, a zona que habitualmente iluminava, e passarei esta luz a um horizonte muito maior. Nossa Senhora, Mãe

de misericórdia, proverá como entender”.

No entanto, ao virar a posição do farol, ele percebe que a luz não apenas se desloca, mas como que se desdobra. Assestada para um e outro lado, ela se estende, sem, contudo, deixar o ponto originário. Atento, mas propenso às explicações inteiramente razoáveis, o sinaleiro fica, no começo, surpreso. “Não será uma ilusão minha? Será bem isso que está se passando?”

Por fim, ele percebe que é real: Nossa Senhora está desdobrando a luz. Na zona primeira a mesma luz brilha, porque o desdobramento é um fruto da graça, é uma bondade d’Ela.

Essa metáfora traduz bem o que eu sinto quando vejo o crescimento de tudo quanto no Grupo faz o meu “transcaríssimo” João Clá, sobre o qual não posso deixar de dizer uma palavra para encarecer a importância de seu papel, de sua dedicação, dos talentos com os quais Nossa Senhora o dotou. O João é, de algum modo, um desdobramento meu; ele produz sobre os outros um efeito

análogo ao que eu noto que produzo, inclusive sobre ele.

Eu aprecio enormemente esse *dédoublement*, reputo-o muito bom e autêntico, e não me sinto roubado com isso, mas engrandecido, porque é uma defluência minha no João. Acho muito bonito ver como as coisas são transmissíveis.

Não quero dizer que só a obra do João cresça. Mas como ela cresce! Como Nossa Senhora põe a luz em atividades e tarefas nas quais eu não teria tempo de agir, de tal maneira que, quando vejo o que se passa, penso: “Se eu tivesse trabalhado e as coisas corresse assim, me sentiria inteiramente atendido”. Ele se desdobra, se esbalda e eu fico num papel mais suave e agradável.

Por meio de Nossa Senhora é que nos vem de Deus toda graça perfeita e todo dom inteiro; é, pois, também por meio d’Ela que eu agradeço a Ele. Mas assim como devemos saber agradecer antes de tudo àqueles que estão acima de nós e alegrar-nos em ter superiores, assim também, para quem dirige algo, é uma verdadeira alegria ter filhos bons e súditos exatos, que deem exemplo a todos os outros.

Eu não poderia dizer mais. Um dia todos apreciarão inteira e cabalmente o papel único do João na evolução de minha obra! ❖



I DO ISOLAMENTO A UM PROVIDENCIAL ENCONTRO

O pujante Movimento Católico, que tanto entusiasmou Dr. Plínio em sua mocidade, não foi capaz de satisfazer em sua alma o desejo de servir a Igreja com galhardia. As suas esperanças foram atendidas por Nossa Senhora quando, na Basílica do Carmo, encontrou-se pela primeira vez com um jovem trêfego e saltitante, de espírito audaz e enlevado.

Quando se fala a respeito de isolamento, diz-se algo evidentemente verdadeiro, mas incompleto, se não for compreendido à luz da seguinte realidade: o que o isolamento tem de mais doloroso é o fato de a pessoa identificar-se com um ideal, mas não encontrar quem o entenda. Por isso eu me sentia isolado desde pequeno. A questão não era tanto: “Não me querem como eu quero os outros”. Mas sim: “Eu quero um ideal, um estado de perfeição moral, cujo modo de ser se identifica comigo e ao qual eu me uno como se fosse outro eu”. Explico melhor, para ser bem entendido.

Imaginemos uma pessoa que, amando o plano de santidade e de prosperidade traçado pela Providência para determinado país – ainda que não seja o seu –, fosse obrigada todos os dias a colaborar com a corrupção em que procuram introdu-

zir esse país, e a aplaudir e alegrar-se por vê-lo ser amaldiçoado quotidianamente com toneladas de podri-

dão que, como vermes em uma árvore, lhe corroem a beleza.

Essa pessoa ficaria desolada ao comprovar que daquela nação fora feita uma tal sordície e das suas possibilidades materiais uma tal miséria, bem como por ter de conviver com aquilo como se lhe fosse inteiramente idêntico e conatural, forçada a tomar os ares, os jeitos, as brincadeiras, as galhofas e as imundícies como próprios. Aí vem o isolamento. Por quê?

Diria alguém: “Deixe eles serem como são; você será como é”. Esse é o raciocínio de um ateu. Nós sabemos a rejeição que há contra Deus quando uma nação se constitui dessa maneira, e compreendemos que um profeta – como os do Antigo Testamento – sofra intensamente olhando para essa situação. O Absoluto, que Se refrata naquela nação, é desconsiderado, e todo o povo está de acordo com isso, enquanto o profeta é



Plínio em 1921



À esquerda, Congregação Mariana de Santa Cecília, em novembro de 1931. À direita, procissão no Congresso Eucarístico Nacional de 1942

o único a chorar as águas sujas e as margens poluídas de tal ou qual rio da cidade.

Perspectivas para o Movimento Católico

Lembro-me do Movimento Católico em seu primeiro estágio – que eu ainda alcancei –, na fase em que já havia uma população razoavelmente católica formando uma massa; depois, no período em que esta passou a ser disciplinada em associações, que acabaram por ser colossais. Eu percebia então ser da vontade de Deus que aquilo se transformasse num movimento vivaz, conquistador, que tomasse as cidades, os Estados e, sobretudo que vencesse nas almas e correspondesse ao plano que a Providência tinha para com o Brasil.

Pouco depois de entrar no Movimento Católico, comecei a ter conhecimento de assuntos sobre os quais os jornais brasileiros nunca tratavam, como, por exemplo, a existência de partidos católicos em vários países da Europa, com seus parlamentares, grandes homens que, mais de uma vez, quase tomaram conta do poder.

Pelos documentos pontifícios atinentes a isso, eu via uma esperança

dos católicos e da Santa Sé de assumirem o poder público e reformarem o Estado para estabelecer uma ordem temporal católica. Naturalmente isso me levava a perguntar se não se poderia fazer algo semelhante aqui no Brasil e por essa via transformar o mundo inteiro, rumo ao Reino de Maria. Se cada povo conseguisse entender-se a si próprio e,

entendendo-se, soubesse realizar-se na linha da santidade, daria numa sociedade de uma beleza difícil de compreender.

Eu pensava e sentia assim: “Ó Brasil, que tens coisas tão pulcras e as tens em tão grande número e, entretanto, tão ignoradas e por ti tão desprezadas, que não sabes o que tu és. Se soubesses o que és chamado a ser,



Dr. Plínio com alguns membros do Grupo do Legionário em março de 1945



Flávio Lourenço



Pares de Carlos Magno - Igreja de Santa Eulália, Bordeaux, França

tu te encherias de gáudio, de honra, de devaneio. E serias outro no conjunto das demais nações tuas irmãs!”

Ora, para levar aquela massa de católicos a tal realização, era necessária uma transformação, que deveria começar pelo Grupo do *Legionário*,¹ o qual me estava mais próximo.

O cavaleiro, ideal de santidade

Primeiramente, como deveria ser o tipo humano do Grupo e, em consequência, do católico no Reino de Maria?

O ideal de santificação para mim era a figura perfeita do cavaleiro, exumado da História bem-feita e acrescido dos meus anseios. Não se tratava de uma mera recomposição histórica, mas de um modelo ideal perene, o qual deveria ser conhecido por todos os homens e, de algum modo, caracterizar e animar a ação deles, qualquer que fosse. Era minha tese sobre a Cavalaria. E eu acentuo este ponto: quando uma coisa é verdadeiramente ca-

tólica, existem os fermentos iniciais necessários para fazer surgir o espírito de Cavalaria.

Esse ideal eu tive, a bem dizer, desde o comecinho, antes de me fazer congregado mariano. Quando eu



Arquivo Revista

Dr. Plínio na Sede do Legionário, no início de 1935

imaginava o Movimento que eu queria, a essência era essa.

Eu desejava diretamente para os membros do *Legionário* a mentalidade de par de Carlos Magno, e essa impostação haveria de influenciar a parte mais ativa da opinião pública católica, de maneira a transformá-la. No entanto, eles estavam totalmente inviscerados na sociedade civil burguesa e na “*Bagarre azul*”,² donde começou a semifidelidade, que consistia na recusa de tomar esse tipo humano e constituir uma categoria de gente bem ligada ao *establishment*, servindo-se de sua posição nele para influenciar.

O que eu procurava era gente disposta a provocar um incêndio de combatividade e de heroísmo, e isso não encontrei. Eles eram meritórios, úteis, respeitáveis; porém, tomavam outro rumo. E recebiam bem tudo quanto dizia respeito à Cavalaria, mas como uma quimera, sem entusiasmo.

Lembro-me de uma das vezes em que estive em Roma; fiz o possível para comprar um capacete da Guarda Suíça, a fim de trazê-lo como ornamento para a nossa Sede e destacar assim o aspecto militante da Igreja. Contei a eles, alguns reputaram uma muito boa ideia, decorativa, bonita. Mas não era a reação que eu esperava...

A nobre missão do profeta isolado

Eu, que sabia o que a Providência queria do Movimento Católico, semente de um Brasil católico já começando a germinar, comprovava, entretanto, outra realidade.

Havia procissões presididas por sacerdotes idosos, não cansados, mas envelhecidos; alguns levavam o Santíssimo Sacramento debaixo do pálio, outros, portando insígnias ou paramentos, faziam uma presença de honra. O público de calçada via



O jovem Plínio na Congregação Mariana de Santa Cecília, em meados de 1932

a procissão passar e algum tanto de povo, um pouco mais movediço, a seguia ou a antecedia.

Eu ia assistir à procissão e via aquilo arrastar-se... Todas as notas do desafinamento eram cantadas sucessivamente... Em dado momento todos paravam um pouco e suspiravam, porque estavam extenuados. De coletivo vivo só havia o suspiro e o cansaço, seguidos da apoteose do desafinamento. Tratava-se de um estado de alma que não queria desgrudar daquela gente e que se sentia eufórico de tal moleza.

Ao que isso correspondia? É muito bonito observar que na Idade Média havia numerosos casos de indivíduos que levavam uma vida profundamente piedosa e exemplar, disseminados por todo o corpo social: reis santos, nobres santos, intelectuais santos, professores santos, pessoas de grande beleza santas. Enfim, os valores humanos, até a beleza, estavam habitualmente ligados à prática da piedade.

Ora, ao longo dos tempos foi se tornando mais frequente um fenômeno inquietante: começaram a aparecer como católicos pratican-



Sr. João Clá em meados de 1958, quando servia o Exército



tes e militantes, na ordem intelectual, os mais insignificantes; na ordem nobiliárquica, os menos nobres; na ordem da beleza, as senhoras menos bonitas. Enfim, em todas as ordens representativas de valor humano, houve uma evasão dos elementos preponderantes, cada vez mais conquistados pelo mundanismo, pela trivialidade, pela apostasia. Estes ficaram revolucionários, abandonaram a prática da religião. E a fidelidade foi se conservando nos elementos exatamente menos exponenciais, de um modo tão tremendo e profundo que, por exemplo, entre dois operários, era católico o menos corpulento; entre dois cantores, o de voz mais rachada; se é um violinista muito católico, ele tem um violino no qual falta uma corda... Permaneceu na Igreja o elemento

secundário, o beatério, quer dizer, a coleção de todo mundo que é esquisito, torto, esmolambado... E a ideia de certo estilo de católico se identificou com o poltrão, o indivíduo sem coragem...

À medida que o processo revolucionário foi se desenvolvendo, meio como causa, meio como efeito, as graças foram se retirando. Então deu-se esse divórcio, essa situação miserável.

Para um católico de minha tempera, ver aquilo era sentir-se isolado, não o isolamento romântico de um Robinson Crusó,³ mas um sentir que Deus estava isolado.

A nobre missão consistia em padecer o que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu no alto do Calvário ao saber que seria abandonado, rejeitado e repudiado dessa maneira.

Ele é o Profeta e conheceu o que cada nação poderia vir a ser, mas viu o que de fato seria e o horror que haveria. Ele sofreu por isto e, ou eu sofria o que O fez sofrer, ou não valia nada.

Nesse isolamento no qual Deus estava, não podia permitir-me um sentimento de irmão em relação aos que assim O isolavam, porque seria uma mentira, eu O estaria abandonando. Ele está caminhando com a Cruz, meu papel é ajudá-Lo como o Cireneu, ou investir contra os que O açoiaram enquanto Ele carrega a Cruz.

A posição era exatamente esta: “Eu não posso dar o meu consentimento a algo que reflita esse estado de espírito. Mais ainda: não posso fingir dar minha anuência e tampouco aparentar que não estou notando. É preciso que, de um modo

Arquivo Revista



Membros da Ordem Terceira do Carmo, em fins da década de 1958. Em destaque, Dr. Plínio e Sr. João Clá

ou de outro, percebam que eu mostro e dou a entender que sou diferente. Então vamos!” E começou a batalha.

Durante muito tempo, tive obrigação de ser o cavaleiro que atravessa um pântano de água suja com a cabeça embaixo da água para não receber tiro, com a nostalgia da espada brilhando à luz do dia e com algo dizendo que ela nunca mais brilharia!... E que, para todo o sempre, não haveria para nós a era da Cavalária.

Havia uma súplica que se cantava na Congregação Mariana de Santa Cecília: “*Da pacem, Domine, in diebus nostris, quia non est allius qui pugnet pro nobis, nisi Tu, Deus noster*”.⁴ Quantas e quantas vezes eu rezei nesse sentido! Para Nossa Senhora me dar paz nos meus dias, porque não haveria quem lutasse por mim, a não ser Ela.

Mais tarde, Nossa Senhora me deu um João, grande lutador por mim! Com efeito, uma das surpresas que tive em minha vida foi ter conhecido um moço, bom católico, mas trêfego e saltitante como só ele. Tratava-se de qualidades difíceis de combinar, que nele formavam uma plenitude inteiramente imbricada. Eu admirei, desde os primeiros instantes da vocação dele, o espírito, o enlevo, a galhardia, a audácia.

Lembro-me do João quando o conheci, mocinho, novinho ainda – a ideia que tenho é do meu João Clá de quepe⁵ –, com a vivacidade que não diminuiu com o curso dos anos, antes se acentuou. É uma qualidade dele que todos conhecem e que se conserva absolutamente como naquele primeiro dia. Eu o sinto como se ele tivesse, por assim dizer, a idade com a qual eu o conheci.



João Clá em 1956

Militante como terceiro da Ordem do Carmo

Quando me tornei advogado da Ordem do Carmo, comecei a tratar com os padres carmelitas e passei a frequentar o convento deles, situado junto a uma grande igreja em São Paulo, na Rua Martiniano de Carvalho. Eles possuíam uma Ordem Terceira, na qual nosso Grupo pediu admissão, e nos receberam muito bem. Em breve tornei-me o prior⁶ e passamos algum tempo militando como terceiros. Ficava assim um suporte no qual acolher os novos membros que entrassem para nosso Movimento.

Havia anos que não entrava nenhum, até que se deu a vinda dos membros de uma Congregação Mariana que aderiram a nós, e também a fundação de dois grupos de mais

moços. Era ar puro, fresco, livre. Todos ingressaram na Ordem Terceira, deixando os padres encantados.

Entre os novos que apareceram por este tempo, encontrava-se este jovem cujo nome ficou para a História: João Scognamiglio Clá Dias!

Concerto na Basílica do Carmo

Certa vez, deram um concerto de música sacra na Basílica do Carmo, ao qual fui assistir. Era uma festa da Ordem; o recinto estava repleto e o povo acompanhava um pouco indolente e mo-dorrento...

Em determinado momento, entrou o João para fazer um solo. Eu nunca o tinha visto cantar. Ele era novato, “enjolras”⁷ naquele tempo, inclusive fiquei um tanto surpreso de vê-lo entrar e

pensei: “Bom, vamos ver no que vai dar”.

De repente, ouço uma voz sumamente aveludada, maravilhosa, de primeiríssima. Foi uma apresentação estupenda... Ele executou alguns números e, já nos trinados iniciais, o ambiente mudou completamente. Acordou a igreja inteira!

Depois eu soube que ele deliberou não cantar mais, e a razão nunca me declarou, não me contou diretamente; e deixei correr o marfim. Contudo, pensava comigo: “Se soubessem que voz se silenciou aqui!...”

Prestando atenção no João, me surpreendia: “Mas como estas três características cabem aí dentro? Como é isso?” De fato, era muito raro ser católico como ele, possuir aquele estilo de voz e ter aquelas agilidades e habilidades.



Coro São Pio X na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, em 2 de maio de 1963. Em destaque, Sr. João Clá

Creio que o Reino de Maria produzirá homens assim em quantidade!

Solidões na infância

A julgar pelos relatos do João sobre a vida dele, em fragmentos de confidências, parece-me que ele teve uma infância e um período de mocinho muito dolorosos.

A pessoa que possui um grande “*thau*”⁸ é chamada a comunicá-lo a vários outros, e só consegue isso quem mergulhou longamente na solidão. Uma das múltiplas bênçãos que o João recebeu foi a de ser filho único e ter vivido parte da vida, antes de entrar no Grupo, sozinho, em longas solidões interiores e incompreensões...

Isso fez bem a ele, porque o preservou de más companhias. A soli-

dão é indispensável a fim de o “*thau*” estar pronto para a entrada no Grupo.

Quem o vê hoje julga: “Esse é um extrovertido! Não tem pano para manga, isso daqui a pouco vai cair, porque lhe falta vida interior”. Ora, o que o João teve de regime monacal!... Ele nunca me contou isso – e creio que a ninguém –, mas vejo que as melancolias, os tédios, os isolamentos dele, em pequeno, foram fenomenais!

Tudo quanto ele possa ter feito durante o recreio no colégio – estou imaginando o João Clazinho com 11 anos na escola... – foi menos do que podemos imaginar vendo-o hoje, e não é nada em comparação com as jardas de tédio na precocidade que ele viveu. Se ele faz apostolado hoje é por causa disso.

Por outro lado, o que deve ter sido a inocência da infância do João... tem que ter sido enorme! O João foi sempre uma pessoa muito preservada. Eu vi fotografias dele em menino, mas era um reservatório, uma usina de inocência, algo extraordinário! E muito generoso desde o começo. Não sei se cada um de nós foi igualmente preservado e generoso. Menino de colo, um pouquinho mais, já estava inteiramente lúcido, já distinguia, fazia política. Ele começou a andar com seis meses.

Primeiro encontro

Narro um fato em nome dele.

Quando ele era pequeno, achava o mundo e a humanidade péssimos, o que o desapontava profundamente; ele não tinha ânimo de tocar a vida adiante à base disso. Ele me con-

tou suas brigas com estes e aqueles parentes.

Então, ele invocava Nossa Senhora pedindo para encontrar um ambiente, um movimento no qual ele se encaixasse – coisa curiosa! –, e rezava para tal esforçadas dez Ave-Marias, às vezes até trinta. Chegava a chorar implorando a Nossa Senhora que lhe obtivesse isso. De maneira que quando ele, afinal de contas, veio a conhecer o Grupo, viu as preces dele atendidas.

Como eu teria ficado contente se soubesse disso no mesmo dia em que nos conhecemos! Ele se lembra bem de onde e como se deu o fato,⁹ e contou-me em mais de uma oportunidade a impressão profunda e favorável que teve quando viu pela primeira vez os membros do Grupo, vestindo o hábito da Ordem Terceira do Carmo, entrarem em cortejo na Basílica. Na ocasião ele me foi apresentado e nos cumprimentamos.

Tenho a impressão de que, com o João, a vocação manifestou-se logo de início. Era natural que ele, com tal grau de preservação e generosidade, explicitasse a vocação muito rapidamente, vendo nela uma reação contra o mal existente no mundo.

Os problemas eclesásticos não lhe estavam presentes no espírito, mas sim



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal

sidade de resistir. O João, sem ter uma noção dessa crise, deu-se conta da insuficiência religiosa do clero para resolver o problema do mal no mundo. Ele não saberia formular nos termos que vou empregar, mas daí surgiu nele a ideia de uma forma de perfeição moral inteiramente oposta, a qual haveria de vencer. Depois veio a noção de que essa perfeição – em vista do estado do mundo – só podia existir em poucas pessoas e deveria ter um centro de irradiação.

Tudo no subconsciente, mas estava ordenado assim na cabeça dele quando nos encontrou. Inclusive o princípio axiológico de que isso não podia demorar muito e de que a vitória viria em seus dias estava também na vocação dele. Assim, ele teve a ideia de que a minoria reunida em torno de mim venceria e, portanto, a noção genérica de uma missão: combater e vencer.

De maneira que constatamos a vocação bater na alma dele e cha-

a ideia da imoralidade. A impostação dele era menos metafísica do que moral, mas com uma repercussão metafísica, quer dizer, como a moral deve ser considerada. Se não há moral, o mundo estoura. Por isso tem de haver Inferno. É a metafísica vista do lado moral e enquanto raiz desta.

Creio que o chamado desabrocha, frequentemente, em vista da crise interna da Igreja e da neces-



Arquivo Pessoal



má-lo bem cedo, mas com isto de interessante: antes, o abandono, a tristeza, as lágrimas, a oração, para só depois ser atendido. Nas vocações mais precoces, também é precoce a vida dura; e aqueles a quem Nossa Senhora ama, Ela prova desde muito cedo. Está aí uma demonstração de um fato que eu reputo em extremo bonito. Ele já me contou diversas vezes, e sempre acho impressionante. ❖

- 1) Conjunto de amigos que se tornaram seguidores de Dr. Plínio e trabalhavam junto com ele na redação do jornal *Legionário* (1933-1947), órgão oficial da Arquidiocese de São Paulo, do qual Dr. Plínio foi diretor. Com o tempo, o termo “Grupo” passou a ser utilizado para designar a obra de Dr. Plínio.
- 2) *Bagarre*, do francês: conflito desordenado e profundo. Palavra usada por Dr. Plínio para se referir ao grande castigo de Deus à humanidade, se esta não se voltar para Ele, profetizado por Nossa Senhora em Fátima. Entretanto, a expressão “*Bagarre azul*” alude ao estado de espírito surgido na época do desenvolvimentismo brasileiro, no qual, mesmo em meio aos casos, as pessoas se deixavam iludir pela prosperidade e pelo avanço da industrialização.
- 3) Personagem fictício do romance homônimo escrito por Daniel Defoe. Na narrativa, Robinson Crusoe é um náufrago que viveu em uma ilha entre canibais, cativos e revoltosos, até ser resgatado quase trinta anos depois.
- 4) Do latim: “Dai-nos a paz, Senhor, em nossos dias porque não há quem lute por nós a não ser Vós, Senhor nosso Deus”.
- 5) Alusão ao período em que ele prestou o serviço militar.
- 6) Dr. Plínio e os demais membros do *Legionário* foram admitidos como noviços da Ordem Terceira do Carmo em 20 de junho de 1948, e no dia 3 de julho do ano seguinte fizeram sua profissão. Dr. Plínio tomou o nome de Ir. Isaías de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em 2 de feverei-



Arquivo Revista

Dr. Plínio conversando com o jovem João, em meados da década de 1960

- ro de 1954, com a autorização do Fr. Kiliano Lynch, então Geral dos carmelitas, os seguidores de Dr. Plínio se agruparam como um sodalício, denominado Virgo Flos Carmeli, do qual ele foi eleito primeiro prior.
- 7) Palavra afetuosa utilizada por Dr. Plínio para designar seus discípulos mais jovens, os quais surgiram aproximadamente a partir de 1970. Havia neles acentuado grau de debilidade, se comparados com aqueles que os antecederam, os da “geração nova” (cf. *Dr. Plínio* n. 81, p. 17). Entretanto, a Providência concedeu aos “enjolras” uma maior capacidade de se entusiasmar pelo aspecto simbólico das coisas.
- 8) Denominação de uma das letras do antigo alfabeto hebraico, a qual tinha a forma de uma cruz. Baseando-se no capítulo 9 da profecia de Ezequiel, Dr. Plínio empregava esse termo a fim de indicar um sinal marcado por Deus nas almas daqueles especialmente chamados a rezar e agir em favor da Igreja e da implantação do Reino de Maria.
- 9) A 7 de julho de 1956, na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, localizada na Rua Martiniano de Carvalho, na cidade de São Paulo.



II

BELA CAMINHADA

Chamado a realizar uma série de proezas em prol dos mais altos ideais, o Sr. João Clá brilhou, desde o primeiro instante no Grupo, por seu entusiasmo e, através de sua fidelidade, contribuiu para modelar o guerreiro contrarrevolucionário por excelência, perfeito escravo de Nossa Senhora.

Quando o João começou a vida no Grupo, deu-se a realização áurea de um sonho que para ele parecia irrealizável.

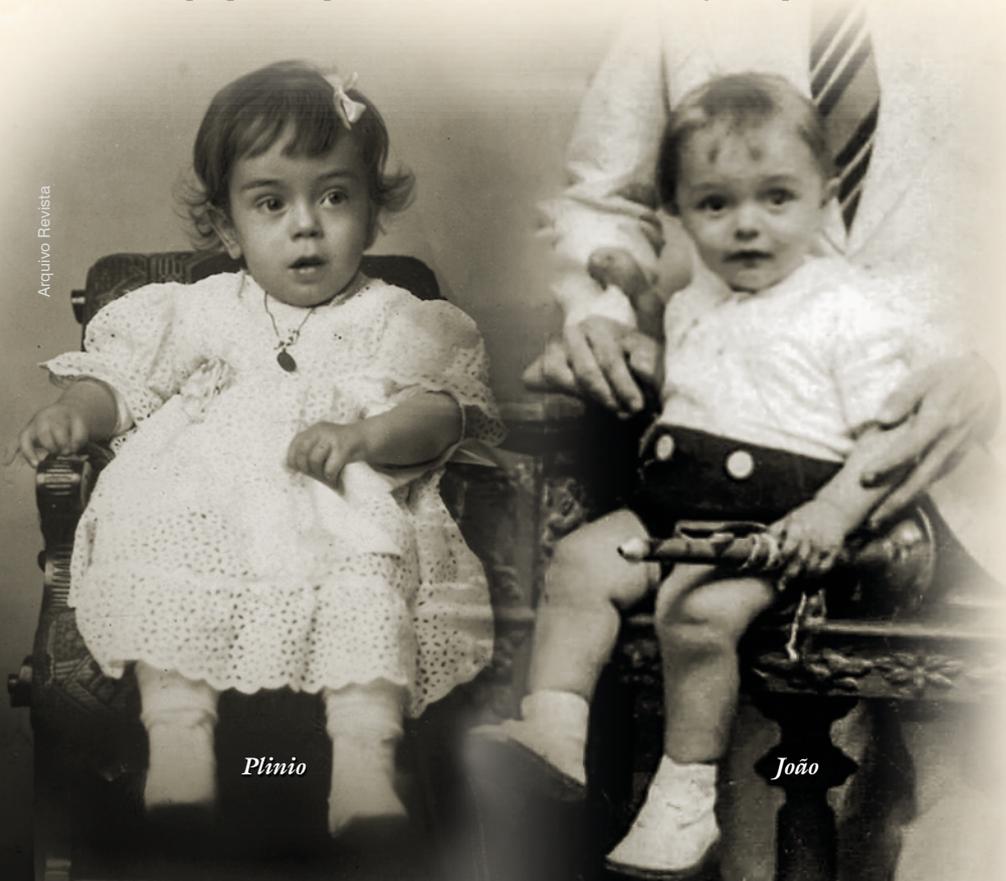
Embora com todas as diferenças inerentes à idade e à geração, há muita analogia entre o que se passou com ele e comigo nos períodos iniciais de

nossas vidas, e no encontro radioso com um Movimento no qual nossos ideais se sentiam interpretados e se expandiam.

Uma longa e bela caminhada

Ao contemplar o João ainda moço, eu via chispear de dentro dele chamas de todo jeito, a todo momento, de toda ordem, e me perguntava: “Para que gênero de proezas esse rapazinho foi chamado?” E como mais ou menos naqueles dias os comunistas tinham amarrado uma bandeira vermelha na torre da Catedral de Notre-Dame, eu o imaginava galgando a torre – do lado de fora – de rei em profeta, de profeta em anjo, até pôr os pés sobre a cabeça de um daqueles demônios de pedra que olham para a capital e, de lá, num lance heroico, pendurar-se na bandeira maldita, jogá-la ao chão, tirar do bolso um estandarte da TFP¹

Arquivo Revista



Plínio

João



Arquivo Revista



Arquivo Revista

Sede da Rua Aureliano Coutinho, à direita, quarto do Sr. João Clá



Sr. João Clá,
aproximadamente
em 1965

Na Sede da Aureliano

O Grupo foi como uma árvore que produziu frutos e folhas em todas as estações do ano. Quando entraram levadas mais jovens, sentimos, com alegria, a necessidade de conseguir uma Sede para eles, e alugou-se um imóvel na Rua Aureliano Coutinho.² Passou a ser chamado o grupo da Aureliano, que floresceu muito e, no qual, desde os primeiros dias, brilhava um dos mais entusiastas: o Sr. João Clá.

Lembro-me dele no auditório da Santa Sabedoria, na Rua Pará. Quando chegava por volta de meia-noite, abria-se inteiramente a porta – não digo de par em par, porque tinha apenas uma folha, grande e de estilo colonial; dava para um jardim muito fino, com bonitas árvores –, e era o estouro dos jovens que entravam. Eles enchiam as duas salas: a de reuniões e a denominada dos Reis Magos; desconfio que às vezes chegavam até o *hall*. Bem na frente, vibrando com a vitalidade que todos conhecem e com a fidelidade que nós todos admiramos, estava o meu querido João Clá, entre outros. E começavam a ouvir o Santo do Dia³ que se dava naquela ocasião.

Fidelidade e integridade de vida

*Nemo summus fit repente;*⁴ trata-se de um princípio de moral que se reflete assim: nada de supremo, de extremo, de muito arrojado far-se-á na hora “H” se antes não tivermos correspondido à graça. Nós preparamos o dia de amanhã no “agora” do dia inteiro! Uma prova disto, ao pé-da-lettra e de apalpar, é o meu João Clá. Eu o imagino mocinho, andando de um lado para outro, subindo, descendo, mexendo. Um pouco que ele não correspondesse à graça, poderia ter tomado outro caminho, e eu não teria quem me fizesse o que ele está fazendo.

Provavelmente muitos dos chamados a me seguir estavam nascendo para a graça e sendo preparados pelo João na hora em que ele, por exemplo, passou diante de um botequim e virou o rosto, porque não podia olhar para dentro; no momento em que se recusou a ver uma revista imoral; numa ocasião em que resolveu rezar o Rosário, apesar de cansado.

E não nego que seja uma regra de três: na hora em que eu lutava, estava preparando o João e uma série de feitos “joaniformes”, porque realmente ao João eu ajudei muito a formar!

e fazê-lo tremular no alto de Notre-Dame.

Eu pensava em uma série de outras proezas e dizia: “Assim ele chegará ao teto de si mesmo. Isto é ele em suas expressões juvenis; nas expressões maduras, onde chegará? O que posso eu não esperar deste que Nossa Senhora colocou tão íntima e proximamente ao alcance de minha mão?”

Com o João veio a longa e bela caminhada que conduziu o Grupo a tantos triunfos. Muitas e magníficas proezas ele fez, que um dia contarei!

Nós fazemos do João uma espécie de taumaturgo. Ele tem algo disso, mas a fidelidade e o alheamento completo dele aos modelos de “*Bagarre azul*” – que nem existem para ele – são ocasião de torrentes de bênçãos. É incalculável! Porque no João não noto um pingo de mundanismo. Vejo, pelo contrário, o espírito formado no sentido oposto.

Ele me narrou episódios do período da vida dele no serviço militar. Lá ele encarou a situação com firmeza! E saiu ultrarrespeitado, ultraprestigiado. Geralmente tem-se a ideia contrária, de que resistindo e enfrentando fica-se completamente esmagado, e então se cede. Isso não é privativo dos coronéis nem dos oficiais; um indivíduo pode ser soldado raso, mas conservar-se firme e sair com muita respeitabilidade.

O João contou-me também outros fatos da vida dele, recordou sua primeira conversa espiritual comigo, como resolveu não entrar para a Faculdade de Medicina – era o que a família queria –, mas se inscrever na de Direito...

Meu João estudou na Faculdade de Direito até o quinto ano. Sendo preciso dizer que me lembro nitidamente de ter sido um dos períodos mais brilhantes da TFP na Faculdade de Direito. Eram dezenove membros do Grupo numa mesma turma de trezentos, fazendo parte dela o João Clá. Podemos ter ideia de quem era o motor!

Sagrada Escravidão, um fenômeno místico

No ano de 1967 muitos no Grupo receberam grandes

graças de devoção, de afervoramento, as quais ficaram conhecidas como “a graça de 67”.⁵ No que esta consistia? Houve uma diferença específica entre o “*flash*” primeiro da vocação e o “*flash*” tido no ano de 1967, com a Sagrada Escravidão?

Estou convicto de que a Sagrada Escravidão nasceu de fenômenos de caráter místico no íntimo de cada um, à maneira de um verbo comunicado pela graça à pessoa, que



*Sr. João Clá em meados de 1958,
quando servia o Exército*

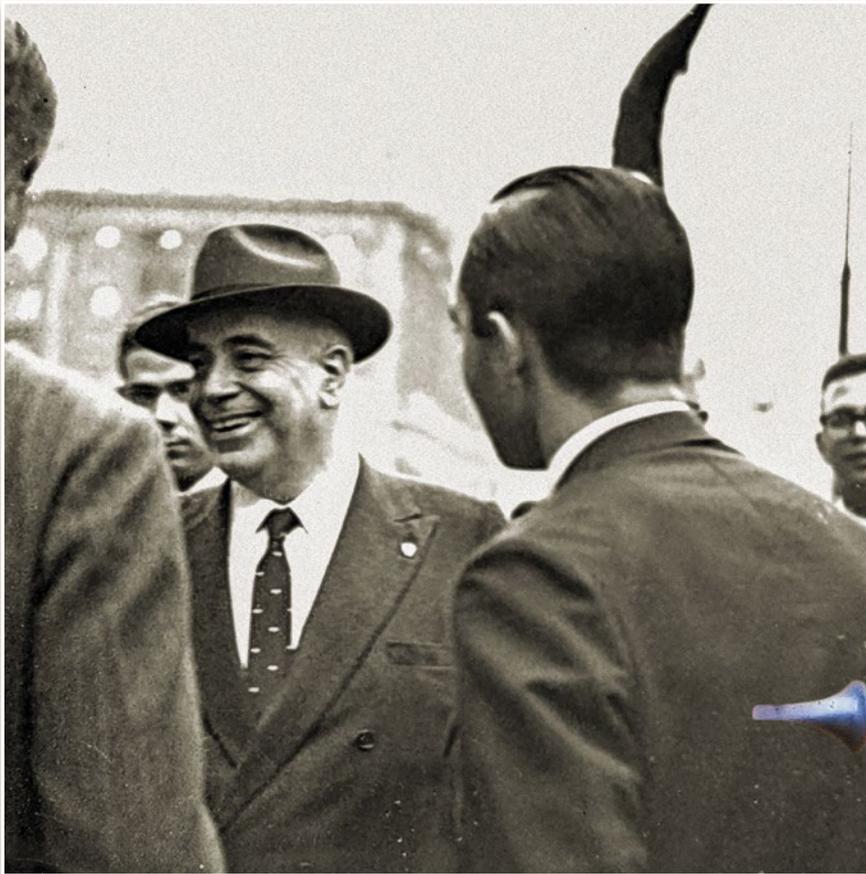
retomava e acentuava as esperanças primeiras do “*thau*”. Não era dado a entender em palavras, mas com base em um conhecimento acompanhado de um sentir, ambos interiores, consistindo na forte convicção de que éramos autenticamente chamados para uma tarefa, cuja realização se daria através de muita batalha. Vinha uma intensa sensação do esplendor, não humano, do que estava por ser empreendido, acompanhada de uma segurança: aquilo não se desviaria e a instituição continuaria no rumo encetado. Isso introduzia na alma um bem-estar parecido com o que a saúde produz no corpo, uma disposição firme, um propósito resolutivo, uma segurança sem hesitação nem trepidação.

A Sagrada Escravidão era feita fundamentalmente a Nossa Senhora. Eu tinha lido o *Tratado da verdadeira devoção* várias vezes, conhecia-o, mas percebi naquela ocasião que os mais moços queriam algo de novo, de bom, no qual evidentemente estava a graça, que seria levar a escravidão a Nossa Senhora, pelo método de São Luís Grignon de Montfort, a conseqüências concretas.

Nos termos em que ela foi exposta, a Sagrada Escravidão redundava numa obediência a quem Nossa Senhora, pela voz dos fatos, designava para dirigir a Contra-Revolução, e envolvia uma doação completa de si mesmo a esta. De maneira que na Contra-Revolução – representada pelo Fundador e este representando, por sua vez, Nossa Senhora, a Rainha Celeste a serviço da qual se faz a Contra-Revolução –, o escravo deveria ser aquele que re-



Arquivo Revista



Dr. Plínio e Sr. João Clá no ano de 1965

Escravos e cavaleiros rumo à inauguração do Reino de Maria

O que eu esperava em 1967?
Em minha alma estava o ideal de formar muitos santos carolíngios e, por vários aspectos, inacianos, que impressionariam o mundo



nuncia completamente a tudo quanto ele tem ou quer, até os bens interiores e exteriores, como diz a fórmula da consagração.

O dia da cerimônia

Quanto me lembro do dia da cerimônia da Sagrada Escravidão! Foi algo estupendo!

Marcaram-na para o período da manhã, na nossa antiga Sede da Rua Pará, na Sala do Reino de Maria. Recordo-me perfeitamente de mim mesmo, muito satisfeito, preparando-me para ir até lá. Antes de sair, eu estava sozinho em meu quarto no Primeiro Andar, caminhando de um lado para outro, a fim de arrumar as coisas, e fazia esta reflexão: “Não compreendo como isso me está acontecendo, porque me causa tanta alegria que nem parece um episódio de minha vida, mas de um outro. Fa-

tos que dão contentamento não me acontecem, e esse me causa uma satisfação enorme.”

Fui cheio de regozijo, e transcorreu todo um dia de júbilo para mim.

Se fôssemos tirar todas as consequências das graças que eles receberam e se manifestaram ali, até onde iríamos?

“A graça de 67” atuou com intensidades e modos muito diferentes, conforme o estado em que ela colhia a alma. Não podemos, portanto, medi-la pelas ações mais modestas que ela se comprouve ter neste ou naquele. Devemos ver o auge dela, o que ela deu nas atuações mais chamejantes, nas manifestações mais ardentes. Foi uma graça arrebatadora. O João afirmou ter como que entrado em êxtase com ela. Ora, êxtase e arrebatamento são termos que se equivalem.

pela dedicação e pelo caráter fundamentalmente católico, como mais ninguém o era.

Eu desejava que o membro do Grupo fosse o arquétipo do homem na era do Reino de Maria, o modelo do escravo, do devoto e do cavaleiro de Nossa Senhora. Entre cavaleiro e escravo d'Ela há uma correlação, pela qual o es-

cravo perfeito é um arquivaleiro! Não se compreende de outra maneira. E esse modelo bem inculcado perduraria até o fim.

Desde os primeiríssimos tempos de minha infância, eu fiquei embriagado por Carlos Magno e isso correu muito para a ideia da Ordem de Cavalaria.

Eu tinha como certo que Carlos Magno foi o fundador da Cavalaria. O ideal dele, aquele tipo perfeito que ele representou deram a inúmeros outros homens a vontade de imitá-lo. E no tatearem para ser como ele, o tipo de cavaleiro se desprende. Quer dizer, a aspiração da Cavalaria nasceu da aspiração de ser como Carlos Magno. E eu me perguntava se ele, como fundador, não era portador de uma graça que dele se irradiou e, com o tempo, deu no ideal da Cavalaria; uma graça da qual, em última análise, todos os cavaleiros posteriores não foram senão depositários, mais ou menos como os membros de uma Ordem Religiosa o são da graça irradiada do fundador.

Não teria Carlos Magno uma ação misteriosa e *sui generis* através da História, pela qual ele acabou de algum modo revivendo, por essa espécie de descendência espiritual, por um prolongamento nos outros das graças obtidas por ele, como a graça de Elias viveu em Eliseu e depois nos carmelitas? Nesse sentido, algum toque da graça me levava a ter a convicção de que Carlos Magno representa o futuro; não é um caminho estancado, uma glória do passado que ficou pa-

rada, mas é uma luz descida do Céu indicando uma caminhada que deve continuar.

A meu ver, Carlos Magno foi, ao mesmo tempo, um profeta e um patriarca da velha Europa. Toda a história europeia dos bárbaros conver-



Arquivo Revista

Sr. João Clá hasteando o estandarte no claustro do Éremo de São Bento



Arquivo Revista

Dr. Plínio na entrada da Sede do Reino de Maria, em meados da década de 1960



Dr. Plínio em 13 de maio de 1967

tidos não é senão uma preparação para o advento de Carlos Magno; e, depois, toda a obra é uma continuidade dele até vir a Revolução ou, mais especificamente, a Revolução Francesa.

Ademais, ele é o imperador mariano, sobre cuja história santamente terrível está a iluminação do sorriso de Maria. Ser devoto da Santíssima Virgem é ser devoto da doçura das doçuras, é evidente! Então ele é doce, mas que gigante doce! Era o lutador que espalhava o terror e a doçura! No seu império, esse homem que era forte como um sol, entretanto difundia o brilho de Nossa Senhora, da qual diz a Escritura

que é “*pulchra ut luna* – bela como a lua” (Ct 6, 10).

Há, todavia, um desdobramento do espírito de Cavalaria: o cavaleiro herdeiro deste espírito, transposto para outros campos de batalha, como foi Santo Inácio de Loyola. Tenho a impressão de que quando ele fundou a Companhia, não ousou chamá-la “Cavalaria” porque esse ideal já estava aviltado, mas tudo quanto a Companhia realizou em sua época áurea foi feito com espírito de Cavalaria. Aquela vontade inquebrantável! Era tomar as atividades da inteligência, do espírito, e vivê-las *a la cavaleiro*.

Em meu espírito a santidade deveria ter também uma abertura de alma, uma compreensão de tudo quanto dissesse respeito ao combate contra os ideais da Revolução Francesa e das três Revoluções *in genere*. O que os jesuítas foram em relação ao Protestantismo, nós seríamos em relação às três Revoluções em seu todo.

Acrescento que a própria visão do Grupo nutre o zelo e o fervor na medida em que ele seja considerado através da Cavalaria e viva como uma Ordem de Cavalaria,

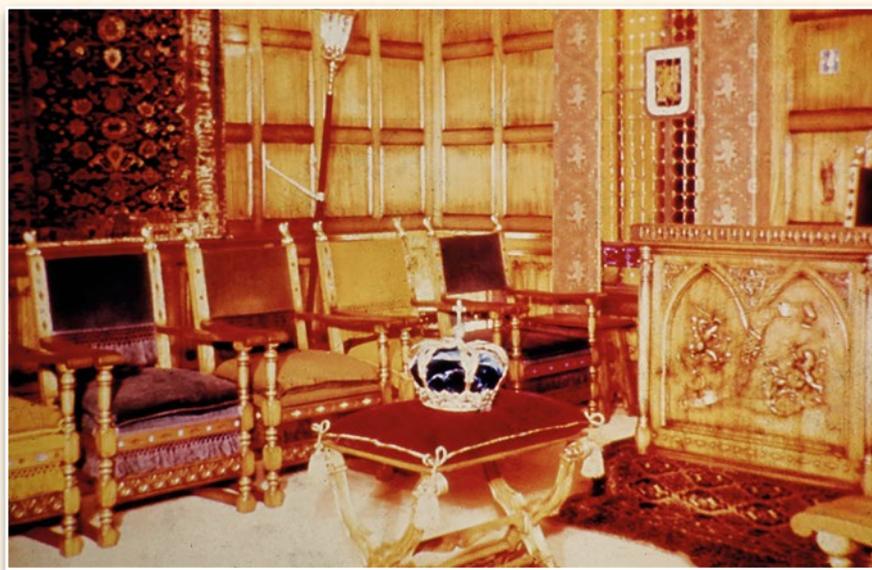
o que compreende não só enfrentar uma polêmica. A Cavalaria é principalmente um assunto de campo de batalha, este é o que dá o analogo primário dela, e se deve tomar um cuidado extremo de não o esquecer. Mas fazer dela apenas isso é não compreendê-la, porque a Cavalaria deve estar presente em tudo. Trata-se de um estado de espírito, de uma graça, de um modo de fazer as coisas que seja, antes de tudo, guerreiro! E guerreiro pelo alto ideal da Contra-Revolução, o qual é, em última análise, a quintessência do ideal católico.

Creio que ou o Reino de Maria é fundado por uma “neocavalaria” própria a inaugurar uma nova época de Cavalaria, ou não há Reino de Maria! E tudo rumava em 1967 para isso.

Contudo, eu não podia imaginar que a Sagrada Escravidão, direta ou indiretamente, desfecharia num desastre.

Surgem dois temores

Em determinado momento, aquele verbo interior que falara às almas, sem deixar de ser firme, passou a não ser bem ouvido, e tudo quanto



Sala do Reino de Maria, onde, a 18 de maio de 1967, realizou-se a primeira cerimônia da Sagrada Escravidão

ele continha começou a ser objeto de tentações e de temores.

O primeiro temor que veio por parte de alguns foi: “O que vai acontecer se eu me meto nessa sujeição e houver um excesso de autoridade ou um esmagamento de minha personalidade? Se houver algo pelo qual eu fique meio amesquinhado e seja tomado pelo lado aviltante da servidão? Isso pode verificar-se comigo, porque eu não tenho certeza de que o homem em cujas mãos me ponho tenha propensão para tal, mas pode acontecer a qualquer homem. E, assim sendo, estou entrando numa via que pode dar num desvio tremendo”.

Era uma preocupação de caráter individual, aparentemente muito justa, que não ocorrera na fase inicial a ninguém. A certeza primeva que nos era comunicada excluía essa ideia, nem nos passava pela cabeça. A partir do momento em que ela se apresentou e foi considerada, tornou-se objeto de dúvida. Foi a primeira vacilação.

Segundo ponto: houve uma espécie de saturação dos panoramas magníficos que a graça punha diante deles. E seguiu-se a ideia: “Isto, nesta magnificência, não se realiza; essas coisas não são prováveis. O provável é o dia a dia, o pão-pão, queijo-queijo... Não desejo ser elevado a tão alto.”

Para usar uma imagem utilizada por Santa Teresinha do Menino Jesus em outra perspectiva, era mais ou menos como um cordeiro agarrado por uma águia. Ele se sente elevado a alturas enormes, mas, em certo momento, fica saturado de ver do alto a montanha e quer comer grama, andar com seus próprios pés na vegetação.

Toda essa inapetência de rumos levava ao fastio de receber qualquer influência de minha parte e, portanto, a um desgaste. Porque os panoramas para os quais eu acenava já não lhes importavam, e sim outras coisas mais próximas, agradáveis. Neles havia uma atitude em relação a mim como quem diz: “Espere um pouco... nós o alcançaremos logo!”

A sensação era de que a torre de marfim que eu havia construído tornara-se de sabão, e sobre ela corriam as águas.

A Sagrada Escravidão cumprirá sua missão

E aqui está o ponto chave da história: Nossa Senhora me sustentou mise-



Carlos Magno - Palácio Residenz de Munique

ricordiosamente e, de vez em quando, não com muita frequência, me conferia uma graça de confiança de que essa crise seria sobrevoada, e uma esperança muito grande de que a Sagrada Escravidão se realizaria.

Eu tinha essa esperança firme até em relação aos mais relapsos. Não era uma voz interior, mas um sentimento, um auxílio da graça para me sustentar. E esperava com todas as esperanças, “*expectans expectavi*” (Sl 39, 2). Depois de mil provações, das quais muitas eram torturas para mim, eu continuava a aguentar com toda a serenidade, em função dessa forte esperança inicial que eu conservava.

Em determinado momento, a rogos de Nossa Senhora, a Providência faria chegar para nós uma graça. Ou seja, depois de nos castigar com uma longa ausência – na aparência, porque Deus nunca tirou a mão de junto de nós, senão teríamos nos dispersado; Ele não esteve ausente, mas escondido – Ela apareceria e Se faria sentir de novo.



Dr. Plínio na década de 1970



Sr. João Clá apresenta o estandarte a Dr. Plínio durante cerimônia realizada na Sede do Reino de Maria, em 23 de julho de 1969

Seria por um movimento gratuito de Nossa Senhora que o espírito da Sagrada Escravidão voltaria a nós e nos transformaria, como aconteceu em Pentecostes, quando o Espírito Santo baixou.

E creio que a Sagrada Escravidão cumprirá a sua missão.

Magnificat pela fidelidade

De outro lado, quanta fidelidade houve! Por esse prisma, de lá para cá foram tantas graças, que é uma verdadeira maravilha. E com uma circunstância: o que está realizado até o momento é realmente algo grande

e maior do que muitos de nós imaginávamos.

Chamo a atenção para dois pontos: duração e resistência! Porque resistir tanto tempo a condições tão desfavoráveis representa uma graça muito especial, própria a nos encher de alegria e a nos levar a agradecer a Nossa Senhora e cantar o *Magnificat*! Uma parte substancial desse cântico se deve às graças que Ela concedeu por meio do meu João.

O João dirá que apenas aproveitou o que recebeu de mim. Ora, não entro nessas cogitações... São coisas que ele deve pensar, mas com as quais eu não sou obrigado a concordar. Cada um enxerga a realidade com os seus próprios olhos. Eu me interessei em olhar o que foi feito por meio do meu João. Tenho isso numa conta que ele pensa que imagina, mas não pode calcular!

Formação sistemática que conduz ao mirante profético

Reputo importante assinalar um aniversário, o qual desejo que fique inscrito em nosso calendário, por ser de muita significação para a vida do Grupo: no já remoto ano de 1969, iniciou-se o esforço das “Itaqueras”,⁶ lançadas pelo João Clá e um outro membro do Grupo. Pode-se dizer que com essa primeira turma começaram as inumeráveis graças que Nossa Senhora não deixou de derramar lá.

O que devemos dizer a respeito da “graça de Itaquera”? Qual foi o papel desses cursos no Movimento? O que podemos esperar deles?

Esses cursos nasceram de um modo completamente inesperado, sem que eu os tivesse elaborado com os dois. Apraz-me muito notar o caráter sobrenatural desse surto de “Itaquera”, o qual se fez sentir na inteira falta de planejamento com que a obra nasceu, de repente, e na graça de entusiasmo que a acompanhou;

depois, pela propagação desse frêmito por todo o Movimento e, sobretudo, pelos frutos duráveis. Tudo o que é verdadeiramente sobrenatural confere ao homem a possibilidade de fazer sacrifícios duravelmente.

Podemos dizer, com o recuo dos anos, que nos desígnios da Providência aquilo que se chamou “graça de Itaquera” tem um sentido profundo, que é preciso compreender. E, à medida que corre o tempo, a noção a respeito dessa graça vai ficando mais clara. Vamos percebendo mais nítida e definitivamente que, com a pressão revolucionária, não bastaria uma simples formação espiritual e doutrinária nos moldes clássicos. Era preciso uma formação intelectual com cursos, conferências, argumentação fria, lógica, clara, correta, dando primado à coerência a serviço da Fé; uma formação espiritual pensada, raciocinada, refletida, séria, com fundamento em toda a Doutrina da Igreja.

A “graça de Itaquera” representou algo que se pode exprimir desta forma: a deliberação de fazer cursos sérios, com adestramentos, tornando obrigatório o aprender. Ou seja, era a aceitação voluntária de uma coerção, para garantir a efetividade de um propósito tomado. Tratava-se de uma espécie de exercícios espirituais muitíssimo originais, que deixaram um sulco na vida dos escravos de Nossa Senhora.

Do que valia isso do ponto de vista espiritual? Tinha o valor da seriedade, que é o ponto pelo qual as “Itaqueras” constituem um felicíssimo prolongamento do nosso sistema cotidiano de formar. Isso também se refletia na formação da vontade, na deliberação de adquirir reflexos, de se tornar flexível, rápido, decidido, de ser capaz de sacrifícios em toda gama, na disposição para aceitar com entusiasmo qualquer serviço,

ainda que árduo, e cumprir o dever com alegria.

Sob esse ponto de vista, o grande vencido em “Itaquera” era Sanchinho Pança, ou seja, a concepção da vida civil na qual o homem julga que a felicidade consiste em ter to-

dos os perigos e esforços afastados de si, imaginando que a vida mole é a delícia da existência. Essa concepção é repudiada em “Itaquera”, pois constitui precisa e diretamente um dos obstáculos mais fundamentais, se bem que mais impalpá-



Sr. João Clá cumprimenta Dr. Plínio após uma cerimônia no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em 9 de dezembro de 1991



veis, a que se responda bem à vocação.

Pelo contrário, a “graça de Itaquera”, própria a despertar a varonilidade, a intrepidez e a coragem, nos mostra que há uma luta da qual participamos desde já, e que é pródromo de um combate muito maior no qual participaremos de futuro. Assim, toda a técnica e o ambiente de “Itaquera” são feitos para nos conduzir a esta altura do mirante profético de onde se julgam não só os fatos atuais, mas também os acontecimentos e a vida interna do Grupo.

A grande “graça de Itaquera” é crer na “*Bagarre*”, nas promessas de Fátima; crer, portanto, na instabilidade do mundo pagão de hoje e na imensidade da luta que esse castigo trará consigo, bem como em nossa missão durante ele e igualmente, depois, no Reino de Maria. Essa esperança é o pensamento nuclear de tudo aquilo.

O que o espírito de “Itaquera” nos diz, com todas as forças, é que há uma incompatibilidade absoluta e eterna entre os filhos das trevas e os filhos da luz, entre o bem e o mal, que deve ser tomada profundamente a sério. Pode-se dizer que as pa-



Sr. João Clá, em 1969

lavras “*Inimicitias ponam*” – “Porei inimizade entre ti e a Mulher, entre tua descendência e a d’Ela” (*Gn 3, 15*) – são o sal de “Itaquera”.

Nós não devemos medir as “Itaqueras” pelos que participaram delas, pelo proveito que estes ou aqueles tiraram da graça. Temos de considerar essa instituição no modo pelo qual os exercícios eram dados;

são coisas completamente diferentes: uma é o convite feito pela Providência, outra é o nível de aceitação. É bem verdade que dessa graça decorre uma série de transformações. Basta ver, como resultado dela, as campanhas fatigantes, duras, que os membros do Grupo realizaram correndo riscos, o que tempos atrás não fariam. O que houve, entretanto, de incorrespondência é colossal. Mas essa graça de tal maneira tem resistido a tudo, que realmente devemos julgá-la invencível.

Depois o João se “*eremizou*”,⁷ e ficou só o outro membro do Grupo à frente das “Itaqueras”. Mas este, sem o João, não me parece que daria tudo quanto podia. Ele e o João tinham uma espécie de simbiose, e não era possível ele tocar as coisas sem o João Clá. Eu estremeço pensando o que seria do Grupo se não fosse o João.

Que Nossa Senhora, a quem devemos agradecer essa graça do fundo da alma, consolide em nós o apeço por ela, torne-a fecunda em nós e cada vez mais abundante pela misericórdia d’Ela, de maneira que o *opus tuum fac*⁸ em nós se realize, e nos tornemos eminentemente varões como os Apóstolos dos Últimos Tempos preditos por São Luís Grignon de Montfort. ❖



Êremo de Elias, onde se realizaram as primeiras “Itaqueras”

- 1) Sigla pela qual se tornou conhecida a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, movimento fundado por Dr. Plínio em 1960.
- 2) Rua Aureliano Coutinho, n. 23, em São Paulo, onde os membros do Grupo se instalaram a 20 de abril de 1957.
- 3) Conferência dedicada aos mais novos, inicialmente destinada a comentar alguma ficha hagiográfica.
- 4) Do latim: ninguém se torna grande repentinamente.

5) Relato do Sr. João Clá a respeito da Sagrada Escravidão:

À medida que eu convivia com Dr. Plínio, no dia a dia, ia tendo cada vez mais noção da grandeza dele; passei a observá-lo em seu modo de ser: a entonação de voz, o olhar, os gestos de mão, o comportamento, o trato. A graça começou aos poucos a tocar minha alma para ver nele não apenas um homem que transformaria o mundo, mas o varão no qual se concentravam todos os desígnios da Providência, constituindo-o o representante de Deus para nós na Terra.

Isto foi num *crescendo* até o momento em que, em 1965, enquanto ouvia música e percorria as páginas do *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, constatando como São Luís Grignon de Montfort provava que deveríamos ser escravos de Nosso Senhor Jesus Cristo pelas mãos de Nossa Senhora, Medianeira entre nós e Ele, tive um “*flash*” pelo qual percebi qual era o imbricamento de alma que deveríamos ter com Dr. Plínio: a mesma dependência indicada por São Luís Grignon de Montfort a respeito de Nossa Senhora.

Aprofundi um pouco mais e, a cada página, concluía: “É isso mesmo! A melhor forma de louvarmos a Nossa Senhora é estar nas mãos dele, louvá-lo pessoalmente, estar no caminho dele, segui-lo, servi-lo, ser escravo. Não há dúvida!” Isso veio com um jorro de luz interior, pelo qual a Providência me fez ver mais claramente quem ele era e me concedeu uma maior penetração na alma dele. Essa graça foi se consolidando até o momento em que resolvi escrever a ele uma carta expondo tudo e pedindo-lhe a graça da escravidão na sua explicitação plena: a consagração à Santíssima Virgem Maria, conforme os princípios apresentados no *Tratado da verdadeira devoção*, realizada por intermédio dele.

Anos antes dois membros do Grupo haviam pedido para fazer os votos religiosos, sobretudo o de obediência, nas mãos dele. Porém, Dr. Plínio estava à procura de uma solução do ponto de vista jurídico. Quando recebeu minha carta, disse ter encontrado um caminho para resolver a questão. Mandou que se estudasse a possibili-



Dr. Plínio na Sala dos Alardos da Sede do Reino de Maria, em 1965

dade, chegando a fazer reuniões conosco, em seu apartamento, a propósito do assunto.

Posteriormente foi feita uma cerimônia de entrega de todos os bens nas mãos dele. Já estava mais ou menos esboçado o cerimonial da Sagrada Escravidão que seria utilizado no dia 18 de maio de 1967.

A primeira cerimônia se realizou ao meio-dia, na Sede do Reino de Maria e transcorreu com muita graça. No final, Dr. Plínio declarou: “Com esta cerimônia fica fundada a Instituição dos Apóstolos dos Últimos Tempos”.

6) Simpósios realizados numa das Sedes do Grupo, situada no Bairro de

Itaquera, Zona Leste de São Paulo. Consistiam numa série de reuniões sobre doutrina católica, seguidas de debates e adestramento intelectual e físico, visando preparar os participantes para o estado de incondicionalidade, característica essencial da perfeita escravidão a Nossa Senhora.

7) Em 1971, o Sr. João tornou-se eremita no recém-fundado Êremo de São Bento, mais tarde denominado São Bento I, antiga propriedade beneditina adquirida para nela ser dado início ao ideal de vida eremítica que Dr. Plínio tanto desejava.

8) Do latim: faze tua obra.

III

UM DOS FRUTOS MAIS IMPORTANTES DO DESASTRE

Uma “apagada e vil tristeza” cobria, à maneira de um nevoeiro pardo, a obra de Dr. Plínio. A tibieza levava muitos de seus seguidores a considerar nele apenas os aspectos secundários. Objeto de especiais graças em consequência do desastre, o Sr. João Clá tudo analisava com piedade filial, revertendo a história do Grupo por meio de seu apostolado.



Dr. Plínio nas escadarias da Catedral da Sé, por ocasião da Missa pelas vítimas do comunismo, em novembro de 1967

Sendo a TFP brasileira o paradigma, a fundadora e a mais velha da qual se irradiaram as outras, dir-se-ia que nela nunca se deveria reconhecer nenhum defeito ou problema, e que a ela se poderiam aplicar as palavras de São Paulo a respeito da Igreja Católica: uma dama sem mácula, sem ruga, sem defeito (cf. Ef 5, 27). Entretanto, esta não é a realidade. Façamos uma análise da nossa situação interna no ano de 1974, para bem interpretá-la, pois nada como a verdade: “*Veritas liberabit vos – A verdade vos libertará*” (Jo 8, 32).

Insensibilidade à voz da graça

O Grupo se encontrava em condições tais que nos parecia estar assistindo a um eclipse. Ao mesmo tempo que produzia tudo quanto havia de melhor em matéria de doutrina e,

como efeito externo, talvez estivesse apresentando alguns de seus mais belos lampejos, internamente havia o que Camões chamava de “apagada e vil tristeza”,¹ que nos cobria por inteiro como um nevoeiro pardo.

Em nenhum lugar aparecia uma chama nova. Ao contrário, tinha-se a impressão de que todas as anteriores se extinguíam aos poucos no deserto, enquanto uma “antichama” entrava, cobrindo tudo, vencendo definitivamente. Acreditávamos tocar com as mãos a vitória dela, num processo irreversível de extinção gradual dos fogos. A atmosfera que se substituía no Grupo entrava com tanta força mole² e se instalava tão por completo, que diríamos ser não uma crise, mas uma era que começava.

Outro ponto desconcertante nesse conjunto era que Nossa Senhora deitava as cartadas mais eficientes, com graças especiais, de início bem acolhidas; mas depois tudo permanecia “como dantes no quartel de Abrantes”. Era uma espécie de insensibilidade prévia, semelhante ao sacudir-se deleitável quando sopra um vento, após o qual volta-se à posição anterior.



Dr. Plínio em Amparo, no ano de 1968

Em muitas ocasiões da vida do Grupo, houve oportunidades para essas graças atuarem sobre nós. Com efeito, elas se manifestaram, mas não houve da parte dos membros do Grupo a generosidade correspondente a essa bondade de Nossa Senhora, para aceitá-las como um verdadeiro favor sobrenatural e para agir compenetrados e na defluência disso.

No caso da Sagrada Escravidão, as torrentes de graças foram muito grandes, mas era preciso tê-las reconhecido, para daí se deduzir que a visão apresentada por elas era objetiva e verdadeira. E o que houve, em geral, foi uma certa frieza face às várias interferências da Providência no Grupo, uma espécie de catarata da fé, produzindo uma aridez propícia a empurrar para considerações de ordem natural e a fazer perder a transparência do sobrenatural que há na vida do Grupo.

A maré da tibieza

Havia nisso realidades tristíssimas. Por exemplo, a série de tentações a meu respeito que deslocaram de nossa ação aqueles que formavam as cúpulas, inclusive a de São Paulo, de maneira a se tornarem, infelizmente, especializados em fazer apostolado como se o fundador não existisse, ou estivesse presente apenas como um piloto para certas horas difíceis. Não passava disso. Eles tinham uma visualização tão errada que me consideravam como um homem de sociedade, um intelectual, um professor, aspectos secundários quando se está diante de um quadro muito mais amplo.



Uma reunião com vários membros do Grupo, no Auditório da Santa Sabedoria



A atitude durante minhas reuniões indicava bem esse estado de espírito, porque, no fundo, eles pensavam: “Temos as apostilas, os esquemas que o senhor nos deu. Com base nisso, estudaremos a matéria e não precisamos de sua presença. Julgamo-nos no direito a um livre-exame de suas técnicas, de seus meios e da utilidade de nossos contatos com o senhor”. Era uma infidelidade rumando para um seguinte passo: “Se o senhor não se ajustar às técnicas que queremos, nós lhe pediremos amavelmente que se retire, porque, com a posse de suas ideias, nós elaboraremos o resto”.

Eu sentia que, enquanto não houvesse quem fizesse um trabalho contrário, o Grupo não iria para frente e seria muito difícil conter a maré da tibieza.

Uma era de milagres espirituais?

Essa posição trazia consigo miasmas de podridão, uma espécie de desagregar-se lento, diante do qual nos perguntávamos, parafraseando o salmista: “*Usquequo, Domina, usquequo?* – Até quando, Senhora, até quando?” (cf. Sl 12, 2). Até onde nós vamos chegar?

Percebia haver no fundo uma ação demoníaca realmente espantosa, que eu não conseguia vencer. Até o ano de 1967, estava habituado a ver Nossa Senhora intervir em nosso favor com graças que se encobriam e se disfarçavam nos processos comuns da via sobrenatural. Era, por exemplo, um que andava muito mal e de repente recebia uma graça, e outros fatos desse gênero que, entretanto, não se

poderiam considerar propriamente milagrosos.

Donde eu ter muito vincada no espírito uma ideia sobre a irreversibilidade de determinados processos de extinção e julgar que, quando se começava certo tipo de decadência, podia-se desistir, porque, para fazer reverter essa situação, seria preciso um milagre e nós não tínhamos chegado à era dos milagres.

Ora, a partir da “graça de Genazzano”³ eu fora chamado a compreender que nós estávamos entrando nessa era e que presenciáramos milagres espirituais antes de presenciar os materiais. Analisando, pois, o declínio do Grupo, cheguei à seguinte conclusão: pode não haver nenhuma saída, mas eu vou caminhar para frente, alimentado por essa luz sensível da “graça de Genazzano”, pela recordação daquele sorriso e daquela promessa.

Eu continuava evidentemente muito preocupado, mas me conferia tranquilidade o fato de notar nas almas, ainda difuso, certo *lumen* que elas não tinham recusado. Enquanto isso existisse, Nossa Senhora não haveria de nos abandonar. Ela faria vir algo melhor, que nos reergueria.

Falta de sensibilidade em relação à “graça de Genazzano”

Nessas provas se instalaram duas outras, talvez mais terríveis: a “graça de Genazzano” estava clara em meu espírito mais do que quando ela se deu, mas passou a se tornar para mim completamente insensível, de maneira a me exigir um esforço de raciocínio para me basear nela.

Outrora a revivescência, quase daria mística, daquela graça me dava uma calma como a dos três jovens



À esquerda, Dr. Plinio em fins da década de 1960. Acima, estampa de *Mater Boni Consilii*, recebida por Dr. Plinio como presente no hospital, em 1967

na fornalha ardente (cf. Dn 3, 19-24). No entanto, naquele momento tudo se crispava e se levantava em mim – eu, tão calmo! –, porque aquela graça não me sustentava mais com sua unção. Eu sabia que ela existia, mas ou fazia um esforço, ou nada feito.

Com respeito a essa graça, dir-se-ia que se passava no meu interior o que se dava no espírito dos outros em relação ao geral das coisas do Grupo. Estou certo de que não entrava meu consentimento e nenhuma infidelidade minha neste sentido. Era uma provação à qual Nossa Senhora queria me sujeitar. Mas não só.

Outra prova era: havia algumas almas no Grupo que me davam a certeza de que nunca me dariam preocupações, tristezas, aborrecimentos ou apreensão, porque tinham atingido um grau de união comigo e de penetração desta união até as últimas fibras interiores.

Ora, uma dessas almas rachou perigosamente e naquele tempo eu fazia esta reflexão: “Tem o João Clá, ele é a minha rocha de sempre. Sempre na vanguarda, sempre quebrando as primeiras ondas, nunca me dando preocupação, nunca exigindo nada de mim nem pedindo nada. É um capital que rende cem por cento. Será que essa decadência chega até



Carro de Dr. Plínio após o desastre, em 3 de fevereiro de 1975

o meu João Clá também? Não posso prever se isso acontecerá, mas, se acontecer, devo buscar uma solução a tempo. Será talvez uma provação misteriosa pela qual o Grupo de-va passar e que tem todas as aparências, e algo da realidade, de uma putrefação”.

O “basta” com o desastre, período de novas decadências

Diante de uma quebra tão grande no Grupo, resolvi oferecer não propriamente a minha vida – porque sa-

bia não ser da vontade de Nossa Senhora –, mas me ofereci para que acontecesse comigo o que Ela quisesse, a fim de soerguer o Grupo. O “basta” dado por Maria Santíssima àquilo foi o desastre de automóvel que sofri na estrada de Jundiá,⁴ cujos frutos não se fizeram ver de imediato.

Havia tanta indiferença que ninguém se interessou pelo sofrimento moral que eu padecia nem por minha pessoa, a qual estava cada vez mais em inegável descrédito. Muitos foram me visitar no hospital por um



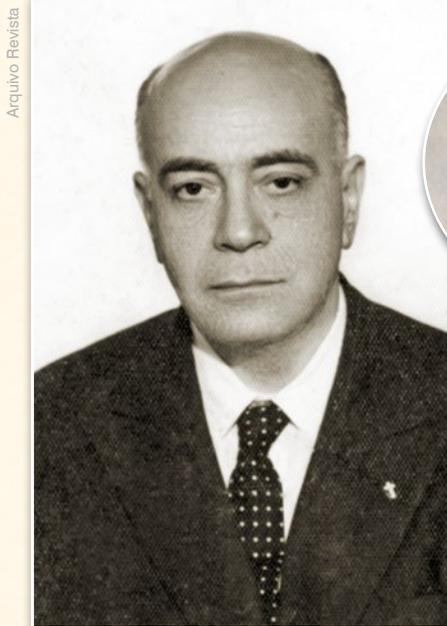
Dr. Plínio durante o período de sua convalescença



ato social, para darem-se importância, quando a grande preocupação deveria ser de despertar o espírito de oração, ver com compenetração o que tinha acontecido. Eu notava isso e o sentia enormemente. Aqueles dias do desastre foram sinistros, quase não vale a pena lembrá-los...

Seguiram-se ainda várias decadências, sucessivos fracassos, catástrofes em cima de catástrofes. O Grupo encontrava-se numa situação de desabamento de todas as instituições. Os êremos estavam num tal abandono, tão deteriorados, sem vitalidade e *élan* para se manterem por si, que uns começaram a se fundir nos outros e refluíram todos para Jasna Góra,⁵ um êremo que nasceira doente e que continuou a piorar. Assim, compuseram uma espécie de reservatório onde se despejavam os êremos malsucedidos, essa água que não matava a sede e era posta em alguns tonéis, a fim de ser guardada para ver o que daria. Era algo atroz.

O esvaziamento do Êremo de São Bento foi trágico, um fracasso piramidal. Podem imaginar que tristeza para mim quando eu ia ao São Bento e via o prédio impressionantemente vazio... No armário, as botas, os há-



Arquivo Revista

bitos, as correntes, os rosários, que todos tinham deixado lá com a maior sem-cerimônia, voltando aos trajés comuns, como recordações que não deixam saudades.

A provação da inutilidade de um oferecimento

Não posso silenciar sobre como me foi triste o fato de logo se emendar no desastre um estrondo publici-



À esquerda, Dr. Plínio em 1975. Acima, notícias relativas ao estrondo publicitário movido contra a TFP, em 1975.

tário⁶ – quiçá o maior de nossa história –, que abriu a era dos estrondos, com as agonias que eu, a esse propósito, tenho passado. Na ocasião, todos levavam sua vidinha, e o que mais me desagradava era a indiferença deles diante da possibilidade de fechamento do Grupo.

Quando, afinal, o estrondo terminou, houve uma reunião no Auditório São Miguel,⁷ na qual fizemos ouvir um depoimento proferido pelo Coronel Portinho⁸ perante a Comissão de Inquérito. Ele era Secretário de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul e depôs inteiramente a nosso favor, trancando a questão. Ele afirmara ter movimentado a Polícia Federal para examinar, no Brasil inteiro, se as acusações que constavam contra nós na Comissão de Inquérito eram verdadeiras, por exemplo, sobre militarização; sem discrepância chegaram-lhe elementos negativos e a Comissão se viu diminuída.

Eu anunciei no auditório: “Afinal, está concluída a batalha, nós ganhamos essa luta!” Se eu tivesse dito que um automóvel matara um cachorro na rua, a reação teria sido a mesma. Nenhuma palavra de um pouco de afeto, vendo-me todo estropiado, arrebatado, sabendo que eu tinha oferecido o que Nossa Senhora quisesse de mim, como vítima expia-



Arquivo Revista

Pátio do Cruzeiro do Êremo de São Bento

tória por todos... Sobretudo, vendo que caíra em cima de mim aquele dilúvio sem nome e colossal, do qual um jornal escrevera que daria para derrubar um governo.

Uma rejeição sistemática era a nota constante nas horas difíceis; nas horas fáceis, a sonolência.

Eu me perguntava: “Se eu devia comprar algo com meus sofrimentos, será que não terminei de comprar? Restam-me as sequelas... Este braço, como fica? E minha perna, com uma locomoção que, além de muito feia, é penosa e incômoda? Andar com passinhos e apoiado numa bengala! Eu?! Isto é oposto ao meu temperamento tanto quanto possa ser. Como vou me arranjar?” Além de outras preocupações de saúde que evito mencionar.

Nada apresentava a figura de que meus padecimentos teriam comprado a salvação do Grupo. Era o terrível do oferecimento: as coisas continuavam a correr do pior modo possível. “*Quae utilitas in sanguine meo* – Qual a utilidade de meu sangue?” (Sl 29, 10). Qual era o fruto do holocausto que eu tinha querido fazer? Era inegável que tudo estava marcado com os aspectos do castigo.

Ora, todo esse quadro negativo estava em contraste com excelentes provas de fidelidade e dedicação...

Melhor fruto do desastre

Perguntaram-me quais os frutos do desastre. Na minha ótica, eu tenho tanto a resgatar, que não me sobraria um saldo para comprar algo, donde um fundo de ceticismo meu a esse respeito: “Não terá sido um castigo?” Digamos que, entre outras coisas, eu tenha ali expiado as minhas faltas e, eventualmente, as de meus discípulos. E se assim o foi, como já o daria por bem empregado! No entan-



Uma das primeiras reuniões de Dr. Plínio no Auditório São Miguel, após o desastre, em 1975

to, houve ainda uma consequência mais preciosa: a aproximação do meu João, que, por causa do desastre, foi tirado do êremo para tratar de mim.

São fatos que sempre vale a pena recordar, sobretudo a paciência do meu João comigo, durante esse tratamento.



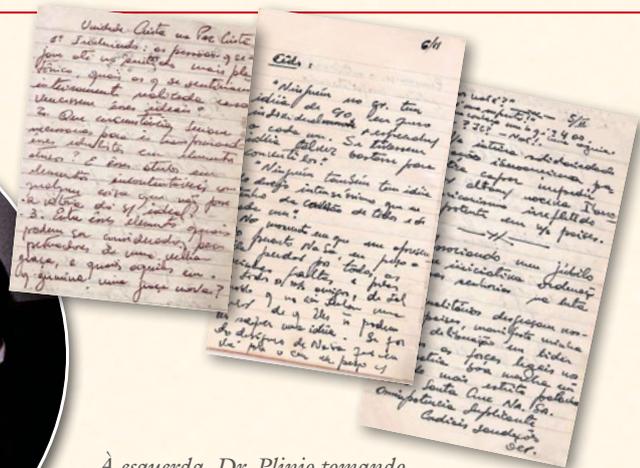
Dr. Plínio em 1980

Já antes disso, eu tinha o João em conta de muito bom membro do Grupo, dos melhores, mais dedicados. Isto sempre, sempre. Eu depositava nele uma confiança sem restrições. Mas, por ocasião daquele trauma, ele me manifestou, de fato, uma dedicação que ia além do já muito elogioso que se poderia esperar dele.

Lembro-me muitíssimo dos dias transcorridos no Hospital Santa Catarina, do meu João ali... Passei um bom tempo em névoas, grosso modo, um mês e meio. Recordo-me confusamente de que eu emergia, de vez em quando, do subconsciente para o consciente e, então, tudo me parecia muito claro e lúcido, mas notava, por todas as condições de meu corpo, que o natural seria que eu imergisse mais uma vez na inconsciência, e assim indefinidamente, enquanto Nossa Senhora dispusesse. Percebia, por momentos, gotas claras e grandes de realidade, mas gotas fugidias que rolavam pelo abismo das circunstâncias pré-operatórias e pós-operatórias. Nessas condições, eu não tinha ideia do que, de fato, dava-se comigo e não sabia quanto duraria.



Arquivo Revista



À esquerda, Dr. Plínio tomando refeição em 9 de abril de 1975. Acima, páginas de uma das cadernetas de anotações do Sr. João Clá, onde ele registrou os acontecimentos relativos ao acidente ocorrido com Dr. Plínio, em 1975

Imerso naquela confusão e naquela perturbação, no meio daquele vácuo, quando eu voltava a mim encontrava o João sentado junto à minha cama, sempre numa cadeira sem braços, mais próximo da cabeceira que do corpo, olhando-me. Ali ele analisou tudo com muito afeto, prestou atenção em tudo, tirou conclusões de tudo. E, ao ver-me durante longos dias no meio da semiconsciência, falando quanto me passava pela cabeça, ele ficou muito impressionado pelo fato de nunca ter saído de meus lábios algo que não fosse sobre a vocação, sobre Religião. Não era fruto de meu controle, porque o estado em que me encontrava não o permitia. Eram fantasias, mas sempre em torno da temática Revolução e Contra-Revolução.

Isso deu ao João um certo ardor e produziu um efeito, no sentido de ele considerar a integridade de minha alma, mais ao alcance da mão do que em qualquer outra ocasião. Vendo-o, eu pensava: “Há algo de novo na cabeça dele. Ele é muito bom, mas isto eu nunca notei”. E depois eu caía na semiconsciência. Em meio àquilo tudo, eu não me dava conta de que uma coisa eu estava fazendo: nos momentos de inconsciência, nos momentos

de consciência, eu estava ajudando a fortificar na posição contrarrevolucionária os dois enormes olhos escuros e sevilhanos que me acompanhavam a todo instante.

Observações que dariam origem a uma escola de vida

Percebi que ele, com piedade filial, tomava nota de tudo quanto eu dizia ou fazia – no hospital, depois em casa também –, mas coisas tão banais e pequenas, que minha reação foi pensar: “Essa ‘geração nova’ nunca cessará de me dar surpresas. Coitado, ele estará fazendo algo que só pode ser bom. Deixe tocar o barco”. Não falei nada, não objetei nada, não comentei com ninguém.

Mas eu não imaginava que ele estava formando uma ideia a meu respeito e estruturando um depósito de observações que seria uma escola de analisar-me e um repositório de dados que justificasse umas tantas teses que ele estava desenvolvendo. Nunca me permiti pensar muito no assunto, por estar eu em foco; passava adiante. Em certo momento, percebi a relação que isso tinha quando surgiram as reuniões do *Jour le Jour*.⁹

Nossa Senhora foi servida em que ele ficasse edificado com o que viu. Até que ponto essa edificação poderá ter ocorrido para depois ele ter feito o que fez? Em medida talvez não pequena e, se assim o foi, fica inteiramente de pé a ideia de que, naquele momento, eu estava sofrendo e ajudando a ele. Ajudando-o para quê? Para fazer o *Jour le Jour* e o apostolado de sustentação colateral, que consistia em, diante da atitude de menosprezo dos mais velhos a meu respeito, mostrar minha figura por eles tão vilipendiada. E para tantas outras coisas!

Foi um convívio que começou e, graças a Nossa Senhora, não acabou mais. Se comprei algo, e tivesse comprado simplesmente o João Clá, eu me dava por muito bem pago! Este pode ser considerado um fruto do desastre e dos mais importantes: de ter me dado o convívio com o meu João. Uma alegria enorme! Uma bênção para mim!

Considero o meu João como um presente da “senhora do Quadrinho”,¹⁰ como todos os “enjolras” o são. Uns sobre os outros, e o meu João sobre todos! É claro, é inteiramente evidente!

Intervenção no Grupo

Foi então que o meu caro João saiu de minha cabeceira para começar a mexer em vários assuntos; interveio, movimentou e pôs nos eixos tudo quanto pôs. O Grupo não mudou depois do desastre, ele recebeu graças que não aproveitou. Foi o João e os que estavam sob a influência dele que começaram a mudá-lo. Eu não agi, quem foi fazendo foi o João, porque as coisas só arribam quando ele começa a tocar.

O João diz que não conseguiu esses efeitos antes do desastre... Mas, se não houvesse o João Clá, o que teria acontecido? Nossa Senhora serviu-Se dele constantemente e ainda Se serve, como canal e ocasião para Ela conceder as maiores e melhores graças; do contrário, não sei como o Grupo teria evoluído.

Nunca será suficiente louvar a graça que Nossa Senhora concedeu ao João, em consequência do desastre. ❖

1) *Os Lusíadas*, X, 145.

2) Dr. Plínio alude ao estado pachorrento que se infiltrava com rapidez, como as lavas de um vulcão em erupção.

3) Em 16 de dezembro de 1967, durante a crise de diabetes que o assaltara gravemente, Dr. Plínio recebeu de um amigo vindo da Itália um quadro de Nossa Senhora do Bom Conselho de Genazzano. Ao fitar a estampa, teve a inesperada impressão de que a figura da Santíssima Virgem, sem mudar em nada, exprimia para com ele maternal doçura, confortando-o e incutindo-lhe na alma a convicção de que não morreria sem ter realizado a própria missão.

4) Ocorrido em 3 de fevereiro de 1975. Internamente, ao aludir a este acidente usava-se apenas a designação “desastre”.

5) Nome de uma das Sedes existentes no Bairro de Itaquera. O nome Jasná Gora foi dado em homenagem ao mosteiro onde se encontra a imagem de Nossa Senhora de Czestochowa, padroeira da Polônia, e que foi o baluarte da resistência católica contra a invasão protestante sueca.

6) Expressão criada por Dr. Plínio para designar os violentos ataques publi-

citários promovidos contra sua obra, geralmente baseados em depoimentos caluniosos e informações maliciosas que deturpavam junto ao público a vida interna do Grupo e sua ação externa. No dia 13 de agosto de 1975 foi convocada em Porto Alegre uma Comissão Parlamentar de Inquérito, com vistas a investigar atividades da TFP.

7) Auditório principal do Grupo, onde se realizava a maioria das reuniões da TFP entre os anos de 1974 e 1991.

8) José Paiva Portinho, Secretário de Segurança Pública do Rio Grande do Sul de 1975 a 1977.

9) Do francês, literalmente: dia a dia. No âmbito interno da obra de Dr. Plínio, a expressão passou a designar as reuniões realizadas semanalmente pelo Sr. João, nas quais tinha importante papel a narração dos pequenos fatos do dia a dia de Dr. Plínio. Esses *fatinhos* serviam para ilustrar outros ensinamentos mais profundos e doutrinários.

10) Referência a Dona Lucilia, numa alusão à pintura a óleo que ganhou de um de seus discípulos e que ficou conhecida como “O Quadrinho”.



Aspecto de um Jour le Jour no Êremo Praesto Sum, na década de 1980



IV

ADERENTE FERVOROSO E INTÉRPRETE DE DR. PLÍNIO

Fotos: Arquivo Revista



Com sua extraordinária comunicatividade e capacidade de fazer penetrar a graça nas almas, o Sr. João Clá exerceu um imprescindível apostolado de sustentação colateral, descortinando a pessoa de Dr. Plínio enquanto fundador e levando seus discípulos a dar o devido valor a seus ensinamentos.

As reuniões que eu fazia no início do Grupo não eram aulas. Sendo a metade do meu auditório constituída por membros quase de minha idade, eu não podia tomar em relação a eles a atitude doutoral de quem leciona.

Matérias expostas em forma de causerie

Há um tipo de exposição que o francês chama *causerie*, na qual se pode tratar matérias profundas de modo metódico, mas, ao mesmo tempo, com elevação de forma e uma certa flexibilidade e agrado de conversa. É um misto entre conver-

sa, discurso e conferência, sem ser inteiramente nenhum dos três, um modo de exposição ao qual me adaptava razoavelmente.

Eu considerava necessário realizar exposições bem raciocinadas, mas acompanhadas de um certo *pulchrum* que conferisse ao raciocínio uma espécie de simbolismo, o que, acrescido pela observação direta da coisa, para mim resultava numa compreensão humana completa.

Implicância, tibieza, desinteresse

Ora, várias circunstâncias se encontraram e é positivo que houve um



Dr. Plínio em meados da década de 1980

gradual descolamento entre a massa do Grupo e mim, sobre meu modo de fazer as exposições e, portanto, sobre meu modo de influenciar o Grupo.

Quando ainda ocupávamos o Auditório da Santa Sabedoria, na Rua Pará, começou um entretom, espalhado entre vários, de que esse *pulchrum* era inútil, representava perda de tempo e, ademais, dava pena, porque manifestava que eu não tinha uma inteligência à altura de expor a pura doutrina e por isso me refugiava em dissertações, em parte doutrinárias, em parte literário-históricas. Em alguns isso foi tomando certo ar de fronda que encontrava receptividade em vários outros.

Para manter minha autoridade junto a esses, tive que provar ser capaz de fazer exposições doutrinárias secas. Realizei-as, mas ficou criado um ambiente pelo qual o que não fosse uma conferência assim, dificilmente se podia sustentar dentro do Grupo. Eles abriam exceção para o Santo do Dia, pois reconheciam que os mais novos não compreendiam reuniões puramente doutrinárias.

Houve um primeiro distanciamento e já aí uma crise de tibiaza, importando no fato de eu reduzir



Dr. Plínio no final da década de 1960

as reuniões, que eram quotidianas, a três por semana com pretexto de eles aproveitarem os outros dias para estudar a matéria – mas sabendo bem que não estudariam nada e ficariam na algazarra –; e depois na decadência das Reuniões de Recortes,¹ a ponto de eu ter pensado seriamente em suspendê-las.

Com isso entraram os mitos do mundanismo e o desinteresse, por princípio, por tudo quanto não fosse fuxico, rivalidades e questões pe-

quenas da vida interna do Grupo. O interesse de cada um por sua própria pessoa foi aumentando, e todo o universo da vocação no qual eu me movia tornando-se mais distante. Eu fazia sistematizações, teorizações, mas as sentia cada vez menos capazes de serem entendidas. Em visita a uma de nossas Sedes, fiz uma exposição sobre Elias Profeta e tive a impressão de que, se eu estivesse diante de estátuas do Aleijadinho, daria mais resultado. Durante dois lustros, eu falei para essa geração sem suscitar admiração.

Compete aos discípulos saber ver o fundador

Eu costumava dizer, no tempo em que as coisas iam mal, que faltava aos mais velhos alguém que fizesse junto aos outros membros do Grupo o papel de chispa. Ou seja, não bastava o apostolado perpendicular; era preciso um apostolado de sustentação colateral especial, com vistas à vocação, o qual, entre outros objetivos, deveria chamar a atenção para quem fundou o Grupo.

Apesar de minha insistência durante anos sobre essa necessidade e



Conferência no Auditório São Miguel, em 15 de novembro de 1979



Reunião de Recortes na Sala do Reino de Maria, em fins da década de 1960

de eu dar a entender claramente que as coisas não iam sem isso, eles não fizeram nada. Ouviam com uma educação perfeita, concordavam, mas não houve quem se apresentasse e ninguém sequer perguntou no que consistia esse apostolado, tal era a indiferença. Eu pensei: “Não lhes farei mais a mínima menção para executarem isso. Se começarem a fazer, eu ajudarei. Se não, é porque a chispa não pegou e não adianta persistir”.

Por razões de vida interior, eu absolutamente não trabalhava nesse sentido e jamais o faria, pois sempre me abstive por completo de falar de mim mesmo e tomei por norma me apagar. Nunca me apresentei a não ser como um filho da Igreja, procurando equacionar ou proporcionar o modo de ser católico diante das circunstâncias, e de agir de acordo com os métodos tradicionais da Igreja, tomando em consideração as renovações havidas.

Pensar em meu papel é o que eu procuro não fazer. Sou o perpétuo ausente nos meus panoramas, e imaginar-me neles é estragá-los e estragar-me a mim. Esta é a única matéria que eu não posso ensinar. Não me corresponde descrever-me nem

ser meu próprio cicerone, como se é de uma obra de arte: “Aqui está... *Ecco me!* Vejam! Eu sou isso, aquilo, aquilo outro... Tenho tais aspectos, devo ser interpretado assim...” Isso cabe aos discípulos.

E para se unir inteiramente a Nossa Senhora, deve-se ver por inteiro o varão que Ela mandou como elo para essa união. Esse “saber ver”

é uma arte que não se ensina mostrando tudo, mas deixando, às vezes, algo na penumbra. Não só por causa disso, mas também por isso, eu, muitas vezes, “penumbreiro”.

Se alguém quisesse realizar esse apostolado entre os mais velhos, teria ocasionado uma rejeição feroz por parte de alguns. E o fato é que esse apostolado não se fez. Tenho a impressão de que levar os outros a essa visão é um trabalho muito grande e difícil, e não se obtém resultado a não ser por meio de uma ação da Providência.

Relacionamento ideal com o fundador

A união de almas perfeita entre os membros do Grupo e eu, como fundador, seria fruto de um conhecimento transmitido pela geração anterior e também de um relacionamento pessoal comigo. Isso se faria de um modo gradual, tamisado e orgânico. Entretanto, a atitude em relação a mim era tal, que não se mostrava ter eu uma missão correspondente à de fundador... Isso deveria ter sido dito e



Conferência no Auditório São Miguel, em junho de 1990

não foi, porque um movimento como o nosso não vive apenas do que cada um vê, mas é organizado para mostrar aos seus como são as coisas.

Aliás, às vezes foi dito o contrário pelos membros da primeira geração aos da segunda. E isso nos causou um enorme dano, como danificaria e jogaria por terra qualquer fundação. Ou seja, a primeira geração cegou-se a si própria e serviu para castigo da segunda. Por sua vez, esta também se fechou e pesou sobre a terceira, e assim sucessivamente.

A “ditadura” dos mais novos

Ora, Deus faz as regras e depois deixa luzir as exceções: apareceu um movimento especificamente no-

vo, com o apostolado dos “enjloras”, que interpreto como um trabalho da Providência para convidar os mais velhos a abrirem os olhos.

As doutrinas eram as mesmas que eu sempre admiti e ensinei, e que os membros do Grupo, de um modo geral, aceitavam, apesar de ser tão grande a preguiça de pensar da mesma forma que só um número pequeno de pessoas as assimilava, de fato, como deveria.

O que havia, então, de novo? Era uma nota a mais, uma mudança na posição a meu respeito, em consequência da ação e do apostolado pessoal do João.

Comecei a adaptar um tanto a Reunião de Recortes aos “enjloras”. Era uma necessidade e um modo de salvar também os mais antigos; do contrário, iriam água abaixo. Voltaram a ser feitas reuniões doutrinárias mais filosóficas, dadas ao *pulchrum*, para agradecer os mais novos, os quais se desen-

volveram bem intelectualmente e ficaram em condições de acompanhar quase todas as reuniões. E, assim, firmou-se um primado da influência dos “enjloras” sobre a maioria dos antigos.

Estes, que haviam desprezado a pessoa que possuía títulos para orientá-los, acabaram debaixo da “ditadura” dos mais moços – muito bons rapazes, excelentes filhos meus, a quem eu quero bem –, por meio da qual Nossa Senhora os prendia a mim. Ela assim permitiu e dessa forma deu a réplica a quem não fez o que lhe cabia, não cantou o cântico que deveria ter cantado! Foram levados, por aqueles a quem lhes incumbia ensinar e servir de exemplo, a ter uma vaga noção do dever que não haviam cumprido. É o balanço da coisa: o castigo e a misericórdia andando juntos, admiravelmente. E eles, que não puderam ser resgatados pela minha presença, acabaram sendo impressionados pela presença dos “enjloras”, que tiveram sobre eles mais influência do que eu.

O João apareceu como um Cid Campeador² daquilo que estava



Conferências de Encerramento de Acampamento, em 1980 (à direita) e em 1983 (acima)





Santo do Dia em janeiro de 1990



sas de mármore da pizzaria Giordano. Ali, naquela roda do restaurante, ela foi lida e considerada muito boa. Providenciei que eles recebessem o texto, e a atitude foi de indiferença; depois envelheceu, sujaram-se os papéis, não se falou mais dela... Eu não fiz o menor esforço para trazê-la à tona.

Eu havia redigido algumas Vias-Sacras, as quais foram lidas e julgadas muito boas também. Mas pararam no mesmo bolso onde já estava guardada a *Oração da Restauração* e alguns papéis enebados, desses que se muda de um paletó a outro e nem se tem tempo de ver o que é.

Ora, em certo momento soprou um vento mais forte da graça e o João começou a fazer insistência para valorizar esses pensamentos e essas orações, que passaram a ter no Grupo certa vida, e continuam a ter até hoje. Se não fosse a mão desse filho tocado especialmente por mãe, tudo isso estaria num baú, esquecido e comido pelas traças, sem dúvida nenhuma! Da minha parte não haveria uma palavra. Fico profundamente comovido com a dedicação dele, porque era uma situação que me deixava com certa tristeza. De fato, quando eu morresse, se não fosse o João, tudo iria para o lixo.

oculto, pôs o fundador e a análise de sua pessoa num realce que constituiu o corretivo natural ao mal feito anteriormente e conduziu o Grupo a uma explicitação que a mim mesmo empurrou também. Ele avançou *a la Don Pelayo*,³ de lança em riste, cavalgando com muito desembaraço nos setores onde menos essa palavra pareceria fazer-se ouvir.

Ele trabalhou de um modo magnífico, dando uma clarinada e pondo isso numa evidência que caminha, está voltada e antecipa – não digo cronologicamente, mas morfológica e logicamente – o “*Grand-Retour*”.⁴

Valorização das obras escritas

Antes disso, lembro-me de que, em geral, minhas obras caíam no es-

quecimento. Das duas coleções salvas do jornal *Legionário*, uma se perdeu porque as colocaram num telheiro e se arruinou de tanto molhar. Mais ainda, na ocasião em que deixamos as dependências da Sede do *Legionário*, manifestei o desejo de levar as coleções conosco, ao que me responderam: “Mas acha que vale a pena?”

Aquilo me doeu e me fez refletir: “Que falta haveria de minha parte, perante Nossa Senhora, para um trabalho tão grande – não digo como qualidade, mas como quantidade – naufragar por essa forma?”

Com a *Oração da Restauração* foi assim. Perguntaram-me se eu poderia compor uma oração para pedir a restauração da inocência. Redigi, quase rabisquei, na mesma ocasião, em cima de uma daquelas me-

Meu livro *Revolução e Contra-Revolução*, que estava dormindo com colunas de poeira em cima, começou também a ser estudado, pelo empenho do João em que os “enjolras” o conhecessem, e conhecessem admirativamente. Houve então um número de pessoas mais velhas que, sentindo que essa obra tinha prestígio dentro do Grupo, procuraram se “envernizar” dela, para terem alguma respeitabilidade eles próprios.

Há um determinado momento do curso do Sol que dele se pode dizer: “*nec est quod se abscondat a calore eius* – nada escapa ao seu calor” (Sl 18, 7)! Esse momento não teria chegado, se o João não tivesse se levantado e feito o que fez. A própria organização de uma *opera omnia mea...* foi só mesmo com o entusiasmo e a dedicação do João que se pôde levar adiante algo assim.

O Jour le Jour através dos olhos do João

Uma criação inapreciável, toda ela do João é o *Jour le Jour*.

O João é uma pessoa peculiar. Quando ouço um ou outro emitir juízos a respeito dele, fico quieto, porque, para quem não queira ver, não se pode dizer o seguinte: o João é orador nato, dotado de todos os recursos e de todas as possibilidades que conhecemos, mas, para certos temas, ele, de repente, se eleva a um grau de comunicabilidade e, por meio disso, a um grau de possibilidade de fazer penetrar a graça na alma dos outros que são extraordinários!

Alguns oradores vencem aumentando a dis-

tância entre si e o auditório. O João não vence assim. Ele sobe junto com o auditório, o qual fica nem mais distante, nem mais próximo dele; a relação entre um e outro permanece como estava no início, mas tudo subindo! É como se uma sala subisse, com todos sobre o mesmo chão. Ou como um elevador: tudo sobe junto! E as pessoas saem de lá como quem fez um passeio no maravilhoso, com muita graça.

Dos rapazes que têm a feliz oportunidade de participar dos *Jour le Jour*, eu às vezes penso comigo: “Estes são mais felizes do que eu. Quando deram os primeiros passos, eles tiveram um João Clá, que eu não tive”.

Eu nunca em minha vida assisti a um *Jour le Jour*, nem tenho visto o João falar aos “enjolras”. Não sei, portanto, como o João me apresenta a eles. Mas é positivo que eles me veem através dos olhos do João, sem dúvida nenhuma, enquanto outros me veem meio diretamente e meio através do mundo. Os mais velhos entre esses rapazes me conheceram no período que vai entre o sur-

to muito forte de diabetes que eu tive, que levou à amputação dos artelhos, e o desastre de automóvel; portanto, antes de o João começar qualquer ação sobre eles.

Eles, conhecendo-me diretamente, não tiveram a meu respeito o entusiasmo que tiveram depois, vendo-me interpretado pelos comentários do João. A verdade é essa. Se as gerações que os precederam não tivessem posto a apreciação da matéria tratada no *Jour le Jour* sob um *abat-jour*, um quebra-luz, e houvessem ensinado o que o João Clá ensina aos “enjolras”, eles poderiam ter me visto de outra maneira.

De outro lado, também é verdade o seguinte: os que entraram depois começaram a me conhecer em função dos comentários do João. E, portanto, o intercurso desses comentários foi a ocasião pela qual eles entraram numa via nova, que os mais antigos não conheceram.

Mas é preciso acrescentar que eles não só não conheceram essa via nova, mas não lhes adiantou muito conhecê-la depois. Porque o *Jour le Jour* esteve aberto a todos os



Sr. João Clá durante uma reunião do Jour le Jour no Auditório Nossa Senhora Auxiliadora



Santo do Dia no Auditório São Miguel, em 1990

que quisessem ouvir e eu creio que a maioria do Grupo ouviu, mas os mais antigos não se sentiram atraídos como os “enjolras”, nem movidos como eles a tomar uma atitude diferente a meu respeito.

Tradutor e “rei dos enjolras”

Os “enjolras” encontraram no João uma pessoa que, valendo-se de um *feeling* e de um talento incomparável, conseguiu pô-los num diapásão de idealismo e de entusiasmo. Mas com que verve, que fogo, que senso de observação! Com uma coragem, uma *crânerie*,⁵ um desafio de assombrar. Simplesmente fantástico! Eu tenho visto de mil modos, pelos efeitos, pelos reflexos que me chegam, que faz um bem extraordinário aos mais novos, de onde eles terem, de fato, essas disposições a meu respeito.

O João atua como uma espécie de tradutor. E se não fosse um

tradutor com esse grau de abnegação que estivesse continuamente alimentando e metendo o fole ali, se não fosse o João estar fazendo a todo momento o papel de cicerone meu junto aos outros, se não fosse a ação pessoal dele sobre uma grande fração do auditório, eles simplesmente não me entenderiam, não teriam o entusiasmo que têm. Eles me abandonariam, me deixariam sozinho e há muito tempo minhas reuniões teriam cessado, não cabe a menor dúvida. O fator de aperfeiçoamento dos “enjolras”, que evita que eles fiquem tíbios, é o João.

Vou dar uma prova. Imaginem um quadro que passou sessenta anos num museu, visto pela correta consideração dos cicerones do público. De repente, há uma mudança na situação: vem uma multidão ver o quadro. O que aconteceu? Foi um cicerone que apareceu e, com uma verve

única, soube mostrá-lo de tal maneira que os visitantes saem do museu entusiasmados e admirados. Se não fosse o cicerone, eles não entenderiam o quadro.

Agora, vamos direto ao fato. Eu digo algo duro e severo: como eu tenho qualidades abominadas pelo século, o indivíduo escravo do século as vê, mas em pouco tempo elas se apagam miseravelmente de seu espírito. Elas, por si mesmas, ou afugentam, ou não são suficientes para justificar um progresso, e menos ainda uma continuidade; se não entram outros fatores, sem uma graça especial vinda aliunde, é como se não existissem. Isso se dá por causa da malícia dos tempos e da disposição geral dos espíritos. A história do Grupo está cheia de provas desse fenômeno, o qual vi passar-se com muitos após o primeiro contato comigo, antes de começar o apostolado do João; e, depois de começado este,



Dr. Plínio e Sr. João Clá, em 1986

com muitos daqueles sobre quem o João não tem influência. Isso é a coisa dita com toda a franqueza, usando a política da verdade.

Portanto, eu mentiria se dissesse que pela irradiação de valores pessoais reuni em torno de mim um grupo. São esses valores, enquanto iluminados por uma certa graça que não vem de mim ou, se vem de mim, passa por outrem. Creio ser absolutamente evidente que o João Clá é um instrumento da Providência para comunicar essa graça, com a qual, o que possa haver em mim de digno de aplauso, os outros veem. Ele é como uma estrela a anunciar a minha vinda, de modo que é preciso olhar para ele para compreender que a minha influência vem depois. Havendo um cicerone de primeiríssima ordem, faz-se aplaudir qualquer coisa! A graça muitas vezes se serve da propaganda para abrir os olhos das pessoas.

Em consequência, eu acho que alguém que participe daquela “turum-

bamba” do João no Præsto Sum sai mais capaz de acompanhar uma conferência minha do que se não assistisse à do João. Quando entro para fazer a reunião de sábado,⁶ no Auditório São Miguel, tenho a impressão de que cada olhar que pousa em mim é uma luz acesa, mas não a elétrica, morta e parada, e sim a luz cintilante da chama da vela. Começo a reunião, que é bem o prefácio da reunião-auge da semana: o *Jour le Jour* de domingo no Præsto Sum... Todo mundo vai tomando o antegosto dos entusiasmos, dos fervores, dos aplausos que coroam o *Jour le Jour* feito pelo João.

Não há quem seja capaz de fazer o *Jour le Jour*. Se não

fosse o João Clá, não seria a conferência de um outro que produziria esse efeito... Ainda que alguém passasse comigo quinze dias, não sairia um só mísero *Jour le Jour*.

O João tem, à maneira dele, um dote muitíssimo raro, que é de tornar agradável e leve uma série de matérias profundas; a genialidade consiste em colocar esses assuntos na cabeça dos mais novos através do *Jour le Jour*; ou seja, por meio de fatos quotidianos, banais, comuns, começar a tratar de temas altos. Ele mistura aquilo com a narração de casos engraçados e pitorescos, e o pessoal se entusiasma. Ademais, ele tem um jogo de expressão muito vivo, que atrai enormemente a “enjolrada”. Porque, queiramos ou não, se não nos conformarmos ao feitio psicológico dos mais jovens, acabamos não produzindo o resultado que desejamos.

Não sei se já viram a água do mar durante a noite: é escura, mas, re-



À esquerda, Sr. João Clá, na sessão de encerramento da V Semana de Estudos de Catolicismo, em 23 de janeiro de 1957. À direita, Dr. Plínio durante uma conferência, no início da década de 1950



Dr. Plínio no Cemitério da Consolação, em 21 de abril de 1992

mexendo-a, sai luz. Assim também há fatos da vida quotidiana dos quais, deitando a atenção, percebemos se desprender uma certa luz, uma certa fosforescência. Não é a luz do Sol, é uma luminosidade inerente aos próprios fatos, os quais, “remexidos” pela análise do raciocínio, desprendem o “flash”. Assim, não é puro raciocínio nem puro “flash”. Eis o mérito do *Jour le Jour* com suas mil saídas, mil lampejos, mil “acrobacias”. Trata-se de um sistema, uma escola de remover águas fosforescentes, e o João Clá é perito nessas águas.

Sem perceber, ele faz uma *leçon de choses*.⁷ Ele não adota um programa muito fixo no *Jour le Jour* e, à medida que calha, ele vai tratando dos assuntos, dos quais se aproveita para ensinar mil coisas àqueles meninos que não sabem nada. Ele cria um estado de espírito e manobra muito direito, com todo o tirocínio dele; é um ás nessa matéria! Nosso grande especialista em “enjolrologia” é ele, o “rei dos enjolras”.

O traço característico da amizade

Um dos traços mais característicos da amizade – enquanto reta e católica orientação de uma alma em relação a outra – é, ao mesmo tempo, um dos menos mencionados. O amigo pergunta a respeito daquele a quem ama, a quem quer; tem uma curiosidade natural e afetuosa de saber, de estar informado, de entrar nos pormenores, de interpretar, para encontrar a justificação de sua amizade, que não é puramente sentimental e tola, mas nascida da razão e da repercussão dos dados da razão sobre o assunto.

É um traço que eu tenho encontrado continuamente na amizade tão devotada de meu querido João Clá. Vejo com alegria e com desejo de corresponder a tanta e tão filial amizade que, dele, essas disposições de alma se irradiam para todos.

De fato, nessa matéria ele tem sido muito fiel, tem uma vocação excelente para isso e é, eminentemente, uma pessoa que serve de modelo,

porque, em vez de se afirmar e procurar esquecer quem está acima, pelo contrário, ele é uma espécie de tabuleta com uma flecha indicando o caminho, sempre nessa direção.

Se para ilustrar uma doutrina convém ter um vitral, uma iluminura, um órgão, uma torre, um castelo, parece evidente que muito mais simbólico para um homem é outro homem. Portanto, uns aos outros devemos saber tomarmo-nos como que símbolos. Com as graduações adequadas, todos nós – quando andamos retamente – somos símbolos de Deus uns para os outros. Se isto é assim, eu quero crer que o meu João veja em mim uma tal ou qual simbolização do que eu explico e ajude aos meus “enjolras” a perceberem essa simbolização ao longo do *Jour le Jour*.

Antes de começar a odisséia ou a epopeia “enjólrica”, eu sempre tive no meu João um ouvinte inteiramente atento ao que eu dizia e que acompanhava as reuniões com entusiasmo. Disto eu tinha consciência. Mas nunca investiguei se ele comentava ou não a minha pessoa com os outros. Esse problema não me passou nem pela mais ligeira fimbria da cabeça. Seria a mesma coisa que perguntar: “Agora, neste momento, o número de pinguins é maior ou menor no Polo Sul?”

Eu não tinha uma noção clara de que houvesse nele o hífen entre a geração antiga e a geração nova, de maneira a saber atrair e entender a tal ponto a “enjolrada” e fazer um jorro traduzido em pequenos comentários simbólicos.

Nesse sentido, uma das primeiras atitudes do João junto aos outros, que eu presenciei, foi quando estávamos transitando por São Paulo e, por alguma razão, tirei o chapéu; mais adiante, tirei-o de novo. E ouvi o João comentar com as pessoas que iam na parte de trás do automóvel: “Vocês estão aqui sem prestar atenção no que ele está fazendo. Esse tirar do chapéu tem um senti-

do: ele agora rezou tal coisa, depois rezou tal outra. E o tamanho da tira-da do chapéu é calculado de acordo com a importância que ele dá àquilo que ele está rezando. Se é uma oração muito cheia de respeito, ele tira mais o chapéu; quando é menos, ele tira menos. Porque tudo o que ele faz é de acordo com a razão e muito calculado. Como viajam aqui sem prestar atenção no que se passa?”

Eu não quis interromper a minha oração, mas pensei comigo: “É a primeira vez que escuto alguém fazer a meu respeito um comentário tão bem pensado e acertado. Convivo com uma série de pessoas há muitos anos, nunca vi uma observação tão miúda, sobre uma coisa tão pequena, revelar tanto pensamento”. A partir disso, comecei a prestar atenção nos comentários dele que me chegavam aos ouvidos. Muito bem pensados e elevando a todos quantos estivessem em torno dele. O João tira um partido único das coisas: ele pega uma migalha com pinça, põe em foco e deita uma luz dourada em cima.

Aí está uma nota característica do João, é parte do feitio dele. O tempo inteiro que ele está comigo, não dá impressão de estar observando tanto. Ele não me pergunta: “O senhor poderia me esclarecer tal coisa, para eu explicar melhor no *Jour le Jour*?” Digo mais, eu acho que ele gosta mais de adivinhar do que de receber explicação.

Uma boa parte das minhas reuniões meu João passa anotando, e tenho a impressão de que ele anota muito bem. É um observador atenciosíssimo, um excelente perguntador, um ouvitor exato de todas as conferências, no meio do tumulto de ocupações que ele tem.

Nessa ação do João entra qualquer coisa de sobrenatural. Eu desconfio que ele possui uma intuição enorme, fruto de uma graça mística segundo a qual ele fala, e que a capacidade dele vem daí. Nesse sentido, ele tem uma

verdadeira missão interna no Grupo, não se pode negar. Eu vejo pelos efeitos, que são ótimos.

Eu acho que cada *Jour le Jour* é um lance da história do Grupo.⁸ ♦
(*Continua no próximo número*)

- 1) Conferência na qual Dr. Plínio comentava os acontecimentos mais recentes ocorridos no Brasil e no mundo, recolhidos de jornais.
- 2) Rodrigo Díaz de Vivar (*1043 - †1099). Nobre espanhol, conhecido com o cognome de Cid Campeador (Senhor Campeão), que se tornou a imagem do cavaleiro ideal: valente, leal, justo e piedoso.
- 3) Nobre, fundador e primeiro monarca do Reino das Astúrias, Espanha (*685 - †737). Iniciou a resistência contra a invasão islâmica na Península Ibérica.
- 4) Do francês, literalmente: “grande retorno”. No início da década de 1940, houve na França extraordinário incremento do espírito religioso, quando das peregrinações de quatro imagens de Nossa Senhora de Boulogne. Tal movimento foi denominado de “*grand-retour*”, para indicar o imenso retorno daquele país a seu antigo e autêntico fervor, então esmaecido. Ao tomar conhecimento desses fatos, Dr. Plínio começou a empregar a expressão “*grand-retour*” no sentido não só de “grande retorno”, mas de uma vinda de uma torrente avassaladora de graças que, através da Virgem Santíssima, Deus concederá ao mundo para a implantação do Reino de Maria.
- 5) Do francês: bravura ligeiramente provocativa.
- 6) Conferência dedicada especialmente aos mais novos.
- 7) Do francês, literalmente: lição sobre coisas. Diz-se do ensino feito através da observação da vida quotidiana e seus pormenores.
- 8) Para a elaboração do presente número foram compilados excertos de conferências realizadas entre 1964 e 1995.



Dr. Plínio no Auditório São Miguel, em 1982

Fragrância luciliana no Natal

Concerto de Natal
de 1992 - Santuário
do Sagrado Coração
de Jesus, São Paulo

A festa do Natal não seria completa para mim se não houvesse algo que me lembrasse, o mais possível, mamãe.

Tendo já partido para a eternidade, ela foi recrutando lentamente, ao meu redor, quem haveria de me trazer o odor da presença dela. Mamãe conquistou meu João para essa epopeia que é a consolidação de um círculo de almas que se lembram dela, rezam a ela e a quem ela protege; aqueles que, reunidos em torno de mim pelo desvelo dela, constituem a fragrância de seu perfume quando ela estava aqui na Terra.

Por isso, já não concebo um Natal em que eu não esteja com meu João e com meus “enjostras”.

(Extraído de conferência de 25/12/1982)